A Evolução na Dimensão Gráfica e Funcional do Selo Postal Português

IPL
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E DESIGN
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

DESIGN DE SELOS

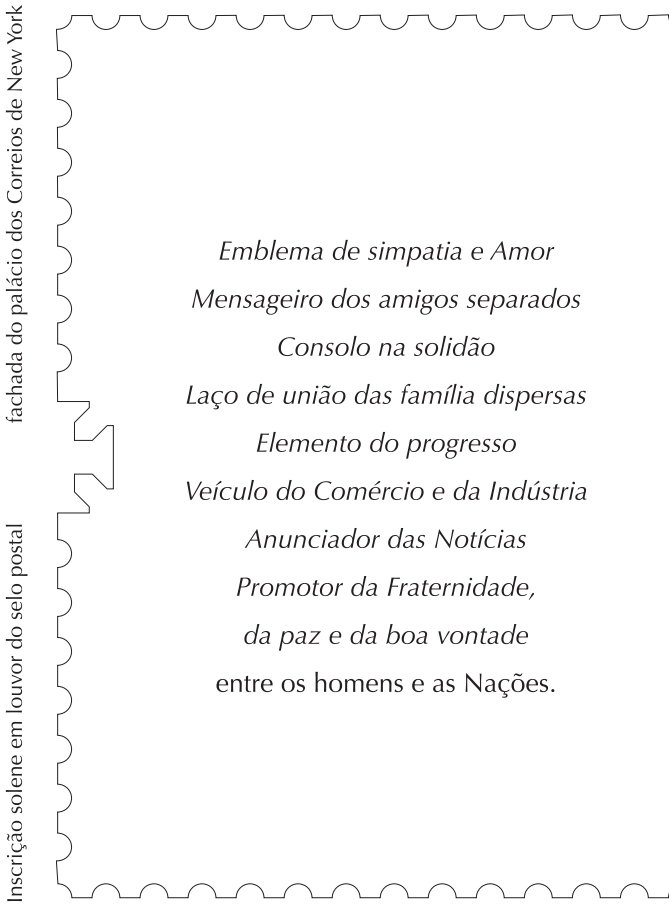
A Evolução na Dimensão Gráfica e Funcional
do Selo Postal Português

Marina Santos Jorge

Projeto de Dissertação
Para Obtenção do Grau Mestre
DESIGN GRÁFICO

CALDAS DA RAINHA
2013

IPL
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E DESIGN
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



PROJETO ORIENTADO POR
Professor Paulo Ramalho
(Escola Superior de Arte e Design, Caldas da Rainha)

CALDAS DA RAINHA
2013

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento ao Dr. Raúl Vilela da Fundação Portuguesa das Comunicações de Lisboa, pela compreensão e pelo apoio prestado a nível material, disponibilizando para este projeto a referência máxima de Jaime Martins Barata - pintor e Diretor de Arte da Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones entre as décadas de 40 e 60. Um agradecimento mais próximo e individual, direcionado especialmente a todos aqueles que estão a cargo da recepção e contacto direto aos utentes da Fundação, nomeadamente, à Susana Afonso e à D. Maria Manuela Cruz (que já não se encontra ao serviço) da Biblioteca e Arquivo da Fundação. Ambas receberam com carinho, e dedicação constante, as dúvidas e todos os pedidos de informação base necessária à concretização deste projeto.

Um forte agradecimento ao Sr. Diretor Luís Machado do Instituto Nacional da Casa da Moeda de Lisboa, pela disponibilidade de me receber numa reunião e acompanhamento pelas instalações de produção gráfica do Selo Postal português.

Ao Sr. Diretor de Filatelia Raúl Moreira e ao diretor de Arte atual Francisco Galampa pela receptividade na marcação de uma reunião com receptividade de resposta a todas as dúvidas e disponibilização de material ao seu alcance.

Ao professor e Orientador, Paulo Ramalho da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha, por acreditar na viabilidade deste trabalho, pela partilha do seu material Filatélico, toda a sua experiência como designer neste âmbito e por depositar a sua confiança nas decisões e avanços deste projeto.

Agradeço à minha família pela paciência e todo apoio ao longo deste anos de estudo. Ppois permitiram sempre chegar mais perto das concretizações pessoais sem duvidar dos meus sonhos e da minha capacidade trabalho e dedicação. Também a todos os amigos que me alicerçaram nas fases de dúvida e cansaço e a todos aqueles cujo este projeto não me permitiu o acompanhamento e disponibilidade pessoal, como o meu querido avô Manuel.

Em especial, à Ana Isabel Morais pela parceria e amizade ao longo do curso e do projeto. Pela oportunidade de discussão, partilha de ideias e conhecimentos, apoio em trabalho de campo e na investigação ao longo deste ano sempre com um sentido de preocupação e investimento pessoal saudável de forma a concretizar interesses comuns e profissionais. Igualmente ao João Guerra e à Inês Brandão, pois este grupo permitiu a minha integração no meio escolar das Caldas da Rainha.

RESUMO ABSTRACT

A presente proposta de trabalho surgiu do interesse pessoal no Selo Postal nacional com intuito de reunir material sobre a sua evolução visual e funcional. Recuperando os fundamentos da sua origem enquanto signo, objeto funcional e as suas especificidades gráficas, será feito um balanço sobre as características evolutivas deste objeto. Num estudo sob a composição gráfica ligar-se-á as transformações em alguns pontos do seu processo de design (como o desenho, os estudos, a arte final e a impressão).

Para compreender as diferenças do modo de composição gráfica será realizado um levantamento de dados concentrado num período relacionado com a Direção de Arte de Jaime Martins Barata, o primeiro consultor artístico dos CTT. O potencial destas décadas reside principalmente na orientação gráfica realizada pelo artista mas também, nos acontecimentos sociais e políticos que marcaram a expressão artística e gráfica do Selo e da sua envolvência propagandística no regime ditatorial. A partir destes acontecimentos o Selo principiou uma nova expressão visual e funcional do selo postal português no mundo.

Como componente prática deste projeto, serão recuperados e mostrados, essencialmente em fase de projeto, os originais de estudos e composições gráficas de selos emitidos no período de 50 a 60, referidos anteriormente em estudo de caso. Para além de se reaver no design, acervo mantido no âmbito da Filatelia, recuperaremos visualmente o deslumbramento das técnicas manuais e do desenho gráfico aplicado a um objeto de formato diminuto.

PALAVRAS-CHAVE

Selo Postal Português, Jaime Martins Barata, Processo de design, técnicas manuais, dimensão funcional, 2013

The proposed work came from the personal interest in the National Postage Stamp aiming to gather material on their visual and functional evolution. Recovering the fundamentals of its origin as a sign, functional object and its graphic specificity will be done a balance on the evolutionary characteristics of this object . In a study about graphic compositions will be connected transformations in some points of their design process (such as the design, studies, final arts and printing).

To understand the differences in the way graphic composition will be a data collection focused on a period related with Art Direction by Jaime Martins Barata, the first artistic consultant of CTT . The potential of these decades lies mainly in the orientation held by graphic artist but also in social and political events that marked the artistic expression the graphic seal on the season and its involvement in the dictatorial regime. From these developments the seal began a new visual expression and functional Portuguese postage stamp in the world.

As a practical component of this project will be retrieved and shown primarily in the design phase, the original studies and graphic compositions of stamps issued during the period 50-60, previously used in the study case.

In addition to repossess to design collections maintained under the Philatelic will be regained visually the fascination of manual techniques and graphic design applied to an short object format.

KEYWORDS

Postage Stamp Portuguese, Jaime Martins Barata, Design Process, technical manuals, functional dimension, 2013

INDICE GERAL

Assunto	*Pág.*
Introdução	1
Problema	3
Motivações Pessoais	4
Objetivos	4
Pressupostos Metodológicos	5
Componente Prática	7
Estrutura da Tese	8
Capítulo I - Caraterização e compreensão do Objeto	9
1.1 A Origem e função	11
1.2 Contextualização Histórica e Visual do Selo Postal	13
Capítulo II - Dimensão Gráfica	23
2.1 Formato	25
2.2 Papel	25
2.3 Acabamentos	26
2.4 Evolução das Técnicas de impressão sobre a Expressão Visual	28
2.5 Processo de Design	32
Capítulo III - Dimensão Funcional	40
3.1 Signo, símbolo ou Ícone – *Semiotic Approach*	42
3.2 Função: Franquia e/ou Propaganda	45

INDICE GERAL

Assunto	*Pág.*
Capítulo IV - Estudo de caso	48
4.1 Análise qualitativa dos elementos: Década de 45 a 60	50
4.2 Análise qualitativa dos elementos: 1ª Década de 2000	52
4.3 Principais conclusões do Estudo de Caso	53
Considerações Finais	54
Referências Bibliográficas	58
Referências Online	60
APÊNDICES - Apêndice A	63
Quadro 1 – Elementos de Composição Gráfica na 2ª metade da Década de 40	64
Quadro 2 – Elementos de Composição Gráfica na Década de 50	65
Quadro 3 – Elementos de Composição Gráfica na Década de 60	68
Resultados – Elementos de Composição Gráfica nas Décadas de 40, 50 e 60	72
Quadro 4 – Elementos de Composição Gráfica na primeira década do ano 2000	74
ANEXOS - Anexo 1	89
Primeiro Regulamento de “Temáticas” | 1983	90

INDICE IMAGENS

Figura *Pág.*

Figura 1 Santo António com o Menino nos braços. Pormenor do Selo da Carta de Fr. Timóteo da Conceição a José Joaquim de Miranda, 1762 12

Figura 2 Primeiro Selo Postal inglês com a representação da Rainha Vitória 13

Figura 3 Primeiro selo Postal português com a Rainha D. Maria II 13

Figura 4 Primeiro selo postal comemorativo, V Centenário do nascimento do Infante D. Henrique 14

Figura 5 7º Centenário do nascimento de Santo António de Lisboa 14

Figura 6 Primeiro selo postal Republicano, representação do Presidente General Carmona 14

Figura 7 "Tudo pela Nação" e série para o Correio Aéreo 14

Figura 8 Estátua de D. Afonso Henriques e Castelo de Guimarães 14

Figura 9 Monumento Padrão dos Descobrimentos Marítimos Portugueses, por Maria Keil 14

Figura 10 Primeira Exposição do Mundo Português em 1940 14

Figura 11 Primeiro centenário do Selo Postal, com representação de Sir Rolland Hill, gravura de Arnaldo Fragoso 14

Figura 12 Jaime Martins Barata (1945) Navegadores Portugueses 16

Figura 13 Terceiro Centenário do Nascimento de S. João de Brito 17

Figura 14 Maluda (1985). Quiosques de Lisboa [Imagem Online] 19

Figura 15 "Se Quiser Ser O Criador Dos Novos Selos CTT Pode Sê-lo." [Publicidade] 21

Figura 16 Folk Design (2012). Emissão Conjunta Portugal Brasil 22

Figura 17 Strat Design (s/d). "A Espantosa Realidade das Coisas" [Infografia] 22

Figura 18 Variedade de Filigranas: letras, linhas, frases, etc [DESENHO] 25

Figura 19 Martins Barata, J. (1945). Primeiro Centenário da Escola Naval 28

Figura 20 Feyo B. (1948) e Martins Barata, J. (1943). Pormenor da Emissão S. João de Brito e Caravela 29

Figura 21 Martins Barata, J. (s/d). Rotogravura ou Heliogravura [Infografia] 30

INDICE IMAGENS

Figura		*Pág.*
Figura 22	Martins Barata, J. (1943). Desenho a preto e branco da emissão a Caravela	33
Figura 23	Desenho da emissão Caravela gravada em aço macio	34
Figura 24	Cera Plombaginada	34
Figura 25	Punção	34
Figura 26	Punção tipográfica	34
Figura 27	Feyo, Barata. (s/d),Baixo-relevo de S. João de Brito [FOTOGRAFIA]	35
Figura 28	Composição final da emissão do Centenário de S. João de Brito	35
Figura 29	Processo de Gravura pelo Mestre Renato Araújo [FOTOGRAFIA]	36
Figura 30	Prova de Impressão [PROVA]	36
Figura 31	Processo de transfer	36
Figura 32	Processo de Impressão em talhe-doce, emissão S. João de Brito	36
Figura 33	Liu Shuoren (1960) Pig Breeding [Imagem Online]	47

INDICE QUADROS E GRÁFICOS

Assunto *Pág.*

Quadro 1
Organização, técnica de recolha e tratamento de dados 6

Quadro 2
Tipos de Papel utilizados nos selos postais, por Eurico Cardoso (1984) 26

Gráfico 1
Utilização das técnicas de impressão nos selos postais nacionais 31

Gráfico 2
Modo de composição gráfica no selo postal nacional 1945-1960 50

Gráfico 3
Modo de composição gráfica no séc. XXI 52

ACRÓNIMOS

Federação Internacional de Filatelia	FIP
Fundação Portuguesa das Comunicações	FPC
Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones	AGCTT

INTRODUÇÃO CONTEXTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Da cultura portuguesa faz parte o Selo Postal, o pequeno objeto que "reza a história" do país desde o seu surgimento até à atualidade e que pelo futuro continuará.

O desenvolvimento da história postal é correspondente ao progresso do país assim como as medidas de renovação e inovação do selo são parte integrante do desenvolvimento do próprio e além fronteiras. Ou seja, baseados em objetivos mútuos, o país e este objeto têm vindo a estabelecer uma relação alicerçada "Pelo bem da nação"[1] com objetivo de alcançar sempre o melhor serviço à sociedade dos tempos modernos e contemporâneos. O Selo não é apenas um meio de ilustração histórica ou um relato de acontecimentos e de celebridades mas antes a ferramenta de instrução e construção de cultura imagética portuguesa e universal.

[1] Expressão assinada por Jaime Martins Barata, em comunicações internas à Administração Geral

Sir Rowland Hill supervisionou, em 1843, o concurso de desenho do primeiro Selo inglês mas foi o próprio quem depois elaborou a fórmula mestre que ainda hoje é utilizada e que foi adoptada pela maioria dos países. O Selo tem como objetivo principal cumprir a franquia postal. Por isso, com o intuito de criar a sua aparência funcional teria apenas de apresentar como denominação o valor facial de cada peso postal. Contudo, a partir de 1874, a União Postal Universal decretou que o nome do país também teria de fazer parte da sua identificação.

Os primeiros elementos para a composição gráfica deste objeto são então o valor numérico de franquia, o nome do país emissor e um busto ou emblema nacional. Contudo e com o avançar do tempo, as composições elaboram-se para satisfazer monarcas e republicanos. Por exemplo, criaram-se molduras naturalistas capazes de engolir os elementos principais da função de franquiar (o valor facial e o nome do seu emissor). Uma das referências do selo nacional, Jaime M. Barata, diz-nos mais tarde em 1953, na comemoração do Centenário do Selo Postal Português e numa perspectiva do mesmo, que a figura deve ser um comentário à legenda em vez de a legenda ser o comentário da figura.

Uma vez que a organização postal está, sob a orientação e permissão do estado, os bustos deram lugar a "cartazes" adeptos dos atributos da nação. Na sequência da segunda guerra mundial, em que se requeria de crescimento e expansão económica, o Selo Postal é visto como um veículo capaz de divulgar o país, de realizar propaganda e instrução social e política. Cresceu a necessidade de uma comunicação direta e de carga simbólica, moderna e apelativa fazendo com que as composições gráficas se tornassem menos ruidosas e mais equilibradas.

Por isso, com vasta experiência gráfica e artística no seu percurso e após o convite anterior para desenhar alguns selos, Jaime Martins Barata inicia uma renovação postal ao nível do gosto artístico e da contratação de artistas aceitando o cargo de consultor. Melhorando os problemas de expressão e de técnica, o Selo da época passou a ser reconhecido como objeto cultural e não como simples tarifa, pois como dizia o artista: selo é tão conhecido como uma moeda mas é mais universal e viajante que esta (1948).

Motivados pela compreensão das alterações (funcionais e visuais) que ocorreram neste objeto através de aspetos como o processo de design, as técnicas de impressão, os formalismos de emissão e a sua essência como signo, questionaremos o que foi e o que é o Selo Postal português.

A evolução visual e funcional deste objeto é perceptível por todos comparando a sua origem e a sua atualidade. Mas através de um levantamento de dados provenientes de uma análise visual, característicos da segunda metade do século XX, pretende-se perceber as mudanças que ocorreram nos elementos de composição gráfica, tantos nos obrigatórios como nos opcionais, bem como na sua estrutura formal. Realizar-se-á o estudo de análise em modo de estudo de caso, integrando o período de coordenação e direção de Arte dos CTT de Jaime Martins Barata em concílio com os seus fundamentos escritos.

Completar-se-á este projeto fundamentalmente teórico, com alguns pontos presentes no processo de design - como a conceptualização e o Desenho. Para contradizer o sentido da prática digital atual reunir-se-á um pequeno acervo de originais do período em estudo juntamente com material de apoio guardado pelo autor de referência aquando da sua consultoria. Desmistificando o lado oculto da sua origem (pois não se executam apenas suportes únicos finais) mostrar-se-ão ensaios de percurso tendo os seus esboços a mesma dignidade e importância gráfica que a maquete finalizada. A apresentação das peças referentes ao espólio de Jaime Martins Barata procurou respeitar as dimensões originais segundo a reprodução cedida pelos CTT Correios de Portugal.

Por último, na descrição de elementos do Selo Postal ou noutro suporte de imagem, direita e esquerda são associados ao ponto de vista do observador. As designações técnicas e datas oficiais de emissões foram obtidas através do catálogo anual AFINSA 2009 e AFINSA 2013.

INTRODUÇÃO PROBLEMA

No seguimento do advento da carta foi introduzida pela primeira vez a forma de selagem e sigilo. Inicialmente utilizou-se cera e posteriormente o lacre, precisando o último de ser derretido no centro ou nas extremidades da carta. Desfeita a matéria sobre a carta, esta recebia uma marca de origem e de segurança (denominado anel ou sinete) que caraterizava o expedidor. Do plástico para o papel, posteriormente, de um privilégio de poucos para fazer parte do uso popular de muitos, o Selo multiplicou-se pela sociedade. De um objeto meramente funcional a obra de arte admirada, reinventou-se de modo a permanecer continuamente como parte da comunicação física humana e parte da cultura comunicativa de um país.

Do ponto de vista do design, o Selo Postal é um objeto perfeitamente projetado (para o seu contexto funcional) devido à sua escala excecionalmente pequena e aos seus componentes como texto, imagem, cores, serrilha e papel. Não esquecendo também o fator tempo que integra, principalmente, este objeto tornando-o memorável e parte da história de um país (Scott: 1995). Deste modo, uma das formas mais interessantes de conhecer algo ou uma nação, consiste em percorrer as suas mudanças pois desde a utilização do lacre progredindo para o papel até alcançar os dias de hoje a imprensa e os seus artistas/compositores passaram marcadamente, a todos os níveis, pela liberalização da comunicação e pela Era tecnológica. Levantam-se, portanto, questões sobre aspetos que caracterizaram opções gráficas como a composição, o texto, a cor, o papel, o formato e a impressão.

a. Quais os elementos gráficos obrigatórios que compõem o selo postal?
b. Ocorreram alterações na sua estrutura?
c. Qual o processo de design no selo postal?

Mediante um segmento da timeline do Selo Postal português, focada na segunda metade do século XX, destacam-se as transformações históricas que inspiraram a exploração de novas formas de composição e expressão gráfica, a evolução dos meios de impressão em função do consumo exponencial de selos, e principalmente as transformações políticas que provocaram a evolução do conceito funcional do próprio objeto. Mediante as décadas decisivas em factos históricos, sociais, comunicativos e artísticos, o Mestre Aquiles Ouvré (1948; 14) antevê a evolução deste objeto, questionando:

"Não sendo o selo [apenas] a composição de um quadradinho poderá ser estilizado e continuar dentro do seu princípio de sinete? Terá o Selo Postal perdido o seu caráter heráldico e funcional para passar a ser um bilhete-postal?"

Na continuação dos estudos filatélicos e num sentido revivalista importa estudar e compreender os aspetos de evolução gráfica, principalmente a evolução das técnicas de composição.
Para compreender a sua realidade é importante compreender o seu signo, os seus processos de produção e os seus princípios da execução gráfica. Como nos diz Jaime P. M. Barata (2003; 45), "há (...) um mundo de intenções, de técnicas de comunicação, de experimentação artística, do qual a grande maioria das pessoas não chega a aperceber-se e que escapa mesmo a muitas críticas profissionais".

_ MOTIVAÇÕES

a) Conhecer de forma genuína este veículo gráfico universal que, de forma tão específica se tornou num objeto carregado de especificidades a partir da composição, da cor, da impressão, do detalhe e da minucia;

b) Poder contactar de perto com a realidade das opções e produções gráficas, em todo o trabalho desenvolvido no meio Filatélico;

c) Contactar de perto figuras da área, inteiradas de um saber específico e de testemunho real acerca deste objeto;

d) Recuperar técnicas de composição e criação artística manual;

e) Reunir conteúdos que contribuam, sob forma de observação ou publicação, para os estudos gráficos;

f) Aprofundar a consciência da minha prática, a partir dos cuidados de responsabilidade social, gráfica e escrita em diversos campos. Com a percepção de que este amadurecimento reverter-se-á significativamente no âmbito desta profissão;

g) Aumentar, num ponto de vista cultural e profissional, o conhecimento histórico, projetual e prático acerca deste veículo de comunicação do estado e da nação.

_ OBJETIVOS

Queremos como principais objetivos reunir artefactos gráficos mantidos, até então, no domínio da Filatelia e da história universal. Realizando uma análise sobre a estrutura visual do Selo Postal de forma a compreender as mudanças que ocorreram nos elementos da sua organização (obrigatórios e opcionais).

Analisar a evolução da produção do Selo Postal Português com entendimento do contexto histórico, social, económico, religioso e universal em que atuou. Interrogrando o que é hoje, questionando o futuro do Selo Postal na sua especificidade e no contexto gráfico e social.

Desenvolver as capacidades de desempenho da profissão de designer gráfico no âmbito da Filatelia. E contribuir para o desenvolvimento de propostas, estudos e dissertações teórico-práticas no âmbito do Selo Postal.

INTRODUÇÃO PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente procedeu-se à recolha de dados teóricos acerca do objeto de forma a construir uma contextualização geral, histórica, estética, produtiva e logística. Foi necessário compreender as evoluções e transformações do objeto a partir dos acontecimentos político-sociais de maior destaque para entender as composições gráficas ao longo de cada década. Este processo foi maioritariamente conseguido a partir da biblioteca da Fundação Portuguesa das Comunicações que reúne exclusivamente todo o material que existe acerca do selo postal.

No seguimento da pesquisa inicial foi possível tomar conhecimento acerca da existência de um espólio pessoal deixado por Jaime Martins Barata aquando da sua consultoria nos CTT, por isso, procedeu-se ao registo (de forma digital) de algumas maquetes de artistas e comunicações do próprio entre o correio-mor. Em busca de algum material original de referência do autor foi necessária a procura e o manuseio constante entre as comunicações escritas da época. Para tal a FPC disponibilizou o espólio sempre que requisitado. Algum acervo digital foi ainda requerido ao Departamento de Filatelia mediante um pedido de autorização prévio.

Em paralelo com a recolha de material realizou-se trabalho de campo (nomeadamente visitas guiadas e entrevistas com as instituições que se mostraram disponíveis para o efeito) de forma a contactar pessoas especializadas na área ou que possuíssem contato direto com o meio Filatélico. Para compreender o progresso histórico do selo postal foi possível realizar uma visita guiada à exposição permanente "Vencer a Distância – Cinco séculos de Comunicações em Portugal" na FPC em Lisboa - preservada numa publicação, do ano 2005, para consulta e compra na instituição. Também a partir da gentileza e disponibilidade do Sr. Diretor Luís Machado, da Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa, tevesse a oportunidade de orientação numa visita pelas instalações da mesma, nomeadamente, aos respetivos departamentos da unidade gráfica desde a pré-impressão até aos acabamentos do Selo Postal. E num atendimento mais próximo e direto, o excelentíssimo Dr. Raul Moreira (Diretor do Departamento de Filatelia) disponibilizou-se para uma reunião de dúvidas e esclarecimentos juntamente com o atual Diretor de Arte Francisco Galampa.

A partir da informação teórica obtida foi necessária a sua constante organização e compilação de forma indicar conteúdos teóricos em falta.

De forma a tentar responder ao problema e às sub-questões a e b, conduziu-se a investigação sob um ponto de vista de análise. A recolha de dados é realizada através de observação documental ou de arquivo, o tipo de informação colectada caracteriza-se por comportamento/tendência classificando-se os mesmos como qualitativos nominais, isto é, a escala de análise será nominal e não numeral. A apresentação de dados será feita através de quadros, tabelas e gráficos e a interpretação dos resultados será transcrita sob forma de evidência para confirmação ou rejeição das questões levantadas.

Para responder à sub-questão c, juntamente com o corpo de informação recolhido, reunir-se-á um pequeno acervo de uma das etapas do processo de design – o desenho. Realça-se a importância desta etapa como forma exemplar prática e técnica de construção e estruturação de ideias/soluções de um objeto, contudo sob um ponto de vista específico e heráldico do selo postal. Alguns dos métodos extinguiram-se após a sua industrialização mas é como principal objetivo que nos propomos a expor um acervo que, particular de uma época, explorou afincadamente os métodos manuais de composição gráfica e artística.

VARIÁVEL	CATEGORIA	ESCALA
Estrutura Visual do Selo Postal	**Franquia**	Presente
		Ausente
	País	Presente
		Ausente
	Autor	Presente
		Ausente
	Gravador	Presente
		Ausente
	Impressão	Presente
		Ausente
	Temática	Presente
		Ausente
	Orientação	Vertical
		Horizontal
	Moldura	Presente
		Ausente

• Presente	- Ausente	**VT** - Vertical / **HT** – Horizontal

Quadro 1 Organização, técnica de recolha e tratamento de dados

INTRODUÇÃO COMPONENTE PRÁTICA

Desde os tratamentos mais sintéticos e visualmente penetrantes, em que o selo é concebido como um pequeno cartaz até aos tratamentos em que lhe é dado um carácter documentador e informativo ou àqueles que uma aura de poesia e fantasia envolve às imagens, para lá de qualquer limitativa função informativa todos os meios de criação de imagem, todas as atitudes e intenções críticas associadas à natureza da Arte se têm encontrado nos selos portugueses. (J. P. Martins Barata: 2003; 41)

Com o intuito de obter uma resposta sobre as alterações estruturais e visuais, parte do fundamento deste projeto concretiza-se na análise e na observação de materiais cuja sua base é essencialmente visual. Por isso após o seu estudo foi possível compreender a inviabilidade de análise expressiva de cada elemento filatélico pois divergem entre si o autor, o tipo de expressão artística, a temática comemorativa e o ano histórico. Com esta impossibilidade compreende-se que seja essencial a observação e compreensão artística dos métodos de desenho tradicionais da época.

Através da oportunidade de observar fragmentos de um espólio a cargo do renome de Jaime Martins Barata é com interesse máximo que nos propomos a reunir material original de maquetes, esboços, recortes e material imagético associados à sua composição gráfica. O conjunto é totalmente visual com indicação de legenda composta pelo autor, ano, materiais e descrição.

A publicação, quase em formato de catálogo, celebra os artistas, a sua produção gráfica manual, a associação aos materiais plásticos utilizados na época.

INTRODUÇÃO ESTRUTURA DA TESE

Na introdução é exposto o contexto em que se inscreve este estudo do selo postal português, de seguida o problema, as motivações pessoais, os pressupostos metodológicos, os objetivos, a componente prática que suporta todo o desenvolvimento posterior, o final desta investigação e a estrutura da tese, que expõe os assuntos a tratar em cada capítulo.

O primeiro capítulo aborda conteúdos históricos-descritivos que ajudam na caracterização e compreensão do Selo Postal, como a sua origem e a sua função, num contexto evolutivo, histórico e visual. Este faz parte da primeira mostra de um corpo de informação recolhido com vista ao enquadramento do objeto na história da sua evolução e da sua integração até aos dias de hoje. O Selo não proveio diretamente do formato de papel e contém funções intrínsecas que se atualizaram ao longo do tempo. Compreende-se que é necessária a recuperação de factos que marcaram e definiram a expressão que conhecemos atualmente deste objeto. Algumas das mensagens, criadas para representar Portugal, são apresentadas neste capítulo segundo uma perspectiva histórica, social, económica, artística
e funcional.

No segundo capítulo, denominado Dimensão Gráfica, são expostos conteúdos sob ponto de vista evolutivo do processo de design e das técnicas de impressão. Neste segmento o Processo Design é descrito como modo de composição e raciocínio realizado num projeto de selo para dois tipos de impressão diferente. De seguida, na produção gráfica, são comparados e avaliados (à medida da sua evolução) os diversos tipos de método de impressão e técnicas utilizadas bem como o avanço na exploração da cor. De forma a compreender as transformações no modo de compor e produzir o Selo Postal ao longo do tempo são acompanhados de suporte de imagens e gráficos todos os raciocínios e explicações. Por último, são analisadas e comparadas as formalidades regulamentares associadas à emissão de um Selo Postal na década de 60 e na atualidade de forma a compreender o seu rigor e sua exigência em diferentes épocas.

No terceiro capítulo, designado como Dimensão Funcional, recorre-se a uma abordagem Semiótica – a Ciência dos Signos – para complementar de que forma é que este objeto se torna parte integrante das sociedades e do mundo. O Selo é um signo transportador de símbolos e ícones, capaz de expor mensagens, não de caráter informativo mas representativo, de um país. Por vezes confunde-se ele próprio como símbolo ou ícone. Completando, é também realizada uma caracterização sob três pontos de vista – administrativo, colecionador e por Jaime M. Barata, sobre a atual e futura função do Selo: franquia ou propaganda?

No quarto capítulo é realizado um Estudo de Caso sobre a estrutura visual do Selo no período de consultoria artística de Jaime M. Barata de modo a concluir a composição visual da época e equiparar com as mudanças gráficas entre a segunda metade do século XX e a atualidade. O estudo é concretizado a partir da análise qualitativa de elementos visuais das composições gráficas emitidas presentes no catálogo Afinsa. Os seus resultados serão apresentados sob texto, gráficos e tabelas qualitativas presentes em Anexo.

CAPÍTULO I

CARATERIZAÇÃO E COMPREENSÃO DO OBJETO

A ORIGEM E FUNÇÃO

A formação do correio postal em Portugal assomou-se em meados do séc. XVI e através deste detém-se que o lacre seja a primeira forma de garantir a inviolabilidade da correspondência.

O lacre protagoniza o primeiro selo que a história conhece mas exclusivamente para comunicações do alto clero. É a partir deste formato que se torna marca táctil e obrigatória da correspondência da alta burguesia,materializando-se mais tarde em pequenas manifestações gráficas simbólicas de cariz heráldico, familiar, de estado ou de ícones religiosos (Ana Araújo: 2005, 138). Este solene objeto era a garantia confidencial de comunicar por meio de carta escrita, sendo por isso «cadeado» protetor da curiosidade alheia (Idem: 2005).

Os selos possuíam diversos tamanhos e eram estampados consoante a classe social a que pertencesse o remetente. Quanto maior fosse o sinete[2] maior seria a sua importância ou cargo social. Cumprindo finalmente o seu destino, era necessário ser quebrado para se poder ter acesso à mensagem.

[2] Instrumento, com assinatura ou divisa gravada, para imprimir no papel, lacre, cera, etc.; carimbo, chancela. Editorial Verbo (2004).





De um suporte de carimbo a formato de papel, o Selo torna-se alvo de experimentação e evolução por parte das entidades reais, interessados em elevar o seu símbolo familiar. De forma rude e primordial, como nos diz Ana Araújo (2005), a carta mais parecia uma «montra social». Na figura 1 é possível observar os seus ornamentados alusivos ao século XVIII.

Para o serviço popular, o pagamento da franquia postal que anteriormente era feito presencialmente através do carteiro ao destinatário é mais tarde alterado para o remetente por iniciativa de Sir Rowland Hill, em 1839. Este objeto de taxa e preço diminuto veio revolucionar as comunicações da era moderna satisfazendo os utentes através da sua amplitude, frequência e rapidez - impensável outrora afirma Eugène Vaillé (1962). O serviço postal começava agora, sob bases sólidas, a efetuar o pagamento antecipado.



Figura 1 Santo António com o Menino nos braços. Pormenor do Selo da Carta de Fr. Timóteo da Conceição a José Joaquim de Miranda, de 24 (?) de Maio de 1762



Figura 2 Primeiro Selo Postal inglês com a representação da Rainha Vitória



Figura 3 Primeiro selo Postal português com representação da Rainha D. Maria II

O primeiro selo que apareceu no mundo foi produzido em 1840 em Inglaterra que, devido à sua cor preta, se chamou «Penny Black» (Figura 2). Graficamente, apresentava apenas uma cor e a composição ostentaria somente a efigie da Rainha Vitória baseada na moeda da época.

Em Portugal o Selo foi alcançado apenas em 1853, no reinado de D. Maria II, apresentando as taxas de 5 e 25 reis (Figura 3). E à semelhança do que era feito na época, também se optou pela efigie real gravada em relevo, mas em fundo branco com introdução do enquadramento de molduras. Os selos seguintes de D. Pedro V também se mantiveram com a mesma composição emoldurada dos de sua mãe. Apenas foi alterada a orientação da efígie pois manda a tradição numismática, alternar-se o sentido do perfil do soberano posterior. A composição gráfica permaneceu idêntica, através de um retrato naturalista do monarca enquadrado em molduras mas com introdução de novos elementos característicos de um sentido estético de realeza, como por exemplo as folhas de louro e o carvalho. Contudo, o realismo literário foi substituindo o caráter heráldico, aparecendo assim desenhos com decorações abastadas e exageradas que permanecem durante largos anos.

A primeira vez que surgiu uma emissão comemorativa em Portugal foi em 1894 aquando do V Centenário do nascimento do Infante D. Henrique (Figura 4) em que Jaime M. Barata (1953) nos diz que a composição se cinge a cenas muito simétricas e historiadas de sabor mais teatral do que gráfico. São muitos os exemplos em que o assunto principal do selo é «engolido» pela sua cercadura, em alguns casos, também a sua legenda e taxa são extremamente reduzidos. Temos como o exemplo o 7º Centenário do nascimento de Santo António de Lisboa (Figura 5), em 1895, cujos desenhos pertencem aos mestres pintores António Monteiro Ramalho e Carlos Reis, a gravura de Manuel Diogo Neto e a litografia da Companhia Nacional Editora de Lisboa.

4



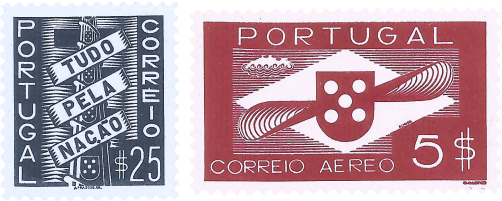
5



6



7



8



9



10



11



Figura 4 Primeiro selo postal comemorativo, V Centenário do nascimento do Infante D. Henrique
Figura 6 Primeiro selo postal Republicano, representação do Presidente General Carmona
Figura 8 Estátua de D. Afonso Henriques e Castelo de Guimarães
Figura 10 Primeira Exposição do Mundo Português em 1940

Figura 5 7º Centenário do nascimento de Santo António de Lisboa
Figura 7 "Tudo pela Nação" (Esq.) e série para o Correio Aéreo (Dir.), Autoria de Almada Negreiros
Figura 9 Monumento Padrão dos Descobrimentos Marítimos Portugueses, por Maria Keil
Figura 11 Primeiro centenário do Selo Postal, com representação de Sir Rolland Hill, gravura de Arnaldo Fragoso

Desde a sua origem em Portugal, e durante aproximadamente quarenta anos o selo serviu apenas a sua função postal. Mas com a viragem do século e depois da primeira grande guerra os países aperceberam-se das possibilidades do selo como difusor de história e de ideias. Por isso, iniciaram-se surtos de emissões comemorativas e propaganda política. Pouco a pouco, revelava-se e introduzia-se o gosto pela filatelia[3].

Na viragem do século e com a chegada da instalação da república os artistas introduziram novas composições gráficas que permitiram produções mais baratas contudo de qualidade inferior. Temos como exemplo o primeiro Selo republicano de 1912 cujo desenho foi realizado pelo pintor Constantino Fernandes (Figura 6). O primeiro selo da república com a efígie do chefe de estado moderniza a entrada de uma nova década apresentando-se sem a tradicional cercadura. O Selo começa a projetar-se estética e documentalmente pois o que antes era imagem permanente de um monarca passou a alvo de anúncio republicano e exaltação histórica.

Perante um período socioeconómico difícil e emergente de equilíbrios públicos e de ideologias e após a aprovação da Constituição de 1933, uma das prioridades do Governo foi renovar as infraestruturas económicas do país. Neste período que iniciaram-se as remodelações e construções no sector dos correios. Esta medida tornou-se num progresso fundamental nas comunicações do país na medida em que tentou colmatar o isolamento em que grande parte das populações vivia.

Neste ano, Almada Negreiros compõe os selos «Tudo pela Nação» (Figura 7), «1ª Exposição Colonial Portuguesa» e «1ª Exposição Filatélica Portuguesa» de ótima expressão gráfica e de estética modernista. A entrada na década de 30 foi marcada pelo regime ditatorial de Salazar revigorando-se com modernizações de serviços do Estado. Contudo, as propostas modernistas na filatelia não substituíram o estilo anterior, preservando bastante a arte figurativa. Ambos os estilos de composição persistiram em função dos artistas escolhidos. Porém, Almada Negreiros introduz uma forte linguagem gráfica, exprimindo mensagens de forte carga simbólica a partir de uma expressão estilizada que representa um forte funcionalismo propagandístico da época. Em 1936 foi emitida, através do mesmo, uma série para o correio aéreo (Figura 7), que foi prestigiada num prémio de competição internacional[4].

[3] Em Portugal, fora dado o primeiro impulso ao "coleccionamento" de selos só na década 1880-1890, pelo esforço de Faustino António Martins, negociante e colecionador especializado. Enquanto a ideia de colecionismo começara anos antes, depois de ter sido emitido o primeiro selo. A Palavra «Filatelia» foi inventada pelo francês G.Herpin, que propôs no nº15 de 15 de Novembro de 1864 de «Collectionneur de Timbres-Poste». Deriva da combinação de duas palavras gregas (filos-amigo) e (atéleia – franquia, ou, exatamente isenção de imposto).

[4] Em Dezembro de 1936, por iniciativa da Philatelic Numismatic and Photographic Society, na Flórida, foi conferido a este selo o 1.º prémio da categoria de selos da posta aérea do Sul da Europa.

Numa década de ressurgimento patriótico a expressão gráfica de Almada fortificou os valores da nação que também se mostraram presentes noutros artistas, como por exemplo, nas emissões dos «Centenários da fundação e Restauração de Portugal». Esta emissão foi distribuída por quatro artistas com intuito de representarem a Fundação (através da estátua de D. Afonso Henriques e Castelo de Guimarães – Figura 8), os Descobrimentos (através do monumento Padrão dos descobrimentos Marítimos portugueses – figura 9), a Restauração (através da estátua equestre de D. João IV – por Henrique Franco) e nomeadamente, a Exposição do Mundo Português por Jaime Martins Barata, em 1940 (Figura 10). A comemoração dos centenários da independência e a exposição do mundo assinalam o expoente máximo da política cultural do regime. (Cristina Weber: 2010; 100)

O primeiro centenário do Selo Postal, em 1940, foi marcado por uma emissão enorme de superfície, mas a responsabilidade não se inteirou do autor mas da secção de acabamentos da Casa da Moeda que não dispunha, na altura, dos formatos habituais de picote dos selos de comemoração. Também é de realçar a fraca qualidade de tintas utilizadas na impressão tipográfica da época, que levou o mestre Pedro Guedes a prescindir de fundo raiado ou pontuado (Figura 11). Em 1945, sai a emissão referente aos «Navegadores Portugueses» da qual se realça a sua exímia produção (Figura 12). Dos oito originais desenhados pela Direção de Arte foram gravados em Talhe-doce por E. T. Dawson, Maxime Ferré e G. Godbeher e estampados por Bradbury Wilkinson & C.º Ltd. De Londres. Presume-se que foram escolhidos gravadores e produtores de terras inglesas, não só pela importância da temática mas pela qualidade técnica e do seu preço, à época, mais baixo que em Portugal. Devido à frequência de pedidos, algumas emissões comemorativas tiveram de passar a ser impressas em «off-set» pois com data fixa a comemorar é preciso ser-se pontual, a partir da técnica Talhe-doce seria mais desejado porém mais demorado.



Figura 12 Jaime Martins Barata. (1945), Navegadores Portugueses

Na passagem da década de 40 para 50 os serviços filatélicos tornam os selos objeto de mensagem iconográfica, com artistas como Almada Negreiros, Jaime Martins Barata, Cândido Costa Pinto e João Abel Manta que atingem cotação nacional e internacional a partir da Exposição Filatélica Internacional. Os serviços filatélicos foram introduzindo artistas que trouxeram inovação e diversificação de técnicas ao objeto de pequeno formato mais olhado e requisitado do século. Realça-se a introdução de métodos de criação/composição como a fotografia e a escultura, como por exemplo a emissão comemorativa do 3º Centenário do Nascimento de S. João de Brito, em 1948 (Figura 13) do Mestre Barata Feyo, "(...) dignos do tema do país." (Jaime M. Barata: 1953; 182).



Figura 13 Terceiro Centenário do Nascimento de S. João de Brito

No decénio de 60 também se iniciaram tentativas de classificação de selos segundo os motivos de desenho. Os temas de coleção divulgados no estrangeiro (por exemplo flores, animais e desportos) atraíram uma "nova modalidade" em Portugal dando-lhe a designação de "Nova Filatelia". Mas como em todo o movimento pioneiro, esta modalidade também precisou de redigir diretrizes, por isso em 1958 no Congresso da FIP, é redigido o primeiro regulamento de temáticas[5] para filatelistas. Eurico Cardoso (1983; 16) refere que a evolução quantitativa favoreceu a evolução qualitativa das coleções temáticas:

Se no século 19 os selos emitidos representavam, a maioria das vezes, a efígie dos soberanos reinantes ou dos presidentes, os brasões nacionais, alegorias simbólicas da nações ou, simplesmente algarismos, e se no período entre as duas grandes guerras, os motivos tratados nos selos começaram já a despertar interesse entre os colecionadores percursores das "temáticas", a verdade é que os diversos Estados do mundo moderno compreenderam que o selo podia também ser um bom veículo de publicidade, por exemplo, para os seus homens célebres, para a sua história, para as atividades industriais, agrícolas e culturais, enfim para o seu turismo, etc.

[5] Publicação do primeiro Regulamento de "Temáticas" por Eurico Carlos Esteves Lage Cardoso, numa edição de Autor de 1983, intitulada "A Filatelia Temática – História, Aspectos e Regras". Presente em Anexo.

O interesse cada vez mais trabalhado e cultivado pela filatelia estimula a procura exigindo assim diversidade e inovação por parte dos CTT. Este crescimento temático deuse especialmente devido ao período intermédio de crescimento entre os conflitos de guerra mundial, pois estes fomentaram a evolução no fabrico de material de produção gráfica.

Depois da revolta de abril e com a adesão à comunidade económica europeia em 1985, Portugal começou a trabalhar no progresso do país. Com uma forte tendência na globalização e na homogeneidade, segundo os modelos europeus e norte-americanos, o homem criou forte necessidade de preservar a identidade patrimonial. Segundo Cristina Weber (2010), em «Comunicar na República – 100 Anos de Inovação e Tecnologia», as temáticas deste período dos anos 70 até ao século XXI não se alteraram muito, mas sobrevalorizou-se a preocupação com a cidadania no âmbito da missão educativa, por exemplo, alguns selos alusivos a campanhas em favor da proteção da Natureza, dos recursos naturais e a Segurança Rodoviária.

O conceito de património evoluiu desde as manifestações arquitectónicas e tradicionais para exteriorizações associadas à literatura, à etnografia, à natureza e até à gastronomia – como por exemplo: 1975 – Emissão Comemorativa do Ano Europeu de Proteção do Património Arquitectónico; 1981-1983 – Emissão «Instrumentos de Trabalho»; 1989 – Emissão «Palácios Nacionais»; 1999 – Emissão «Doces Conventuais» (1º grupo).

Esta evolução surge das potencialidades do crescimento económico que se gera, a nível global. Margarida Fragoso (2012; 49) refere que "Os últimos decénios do século XX assistiram a outro grande passo na evolução das técnicas e a uma liberdade mais alargada de criação da imagem visual. Também aqui, uma conjunção de avanços tecnológicos e científicos permitiu um salto brusco nas técnicas: a computação digital e a opto-electrónica.". Os fatores tecnológicos e consequentemente sociais influenciaram claramente a criação e a exploração visual que o Selo poderia apresentar na época. Tornou-se mais fácil a experimentação de soluções, a manipulação de técnicas e a captação de imagens. Citando Cristina Weber (2010; 156) sobre a Arte Contemporânea:

> *Após a conquista da Democracia e da liberdade de expressão, a arte refletiu outros objetivos. Não busca o belo, o novo e o espanto como as vanguardas da primeira metade do século XX. A arte contemporânea propõe, através de uma maior pluralidade expressiva, um espírito de experimentação favorecido pelas inovações tecnológicas. As artes tornaram-se um outro veículo de crítica e de construção, desde as artes plásticas ao cinema, à literatura, à dança, à música. Não existem estilos ou movimentos como as vanguardas modernas. Desenvolve-se uma pluralidade de estilos, de linguagens contraditórias e independentes, convivendo em paralelo.*

Realçam-se as pequenas mudanças que se introduziram na construção de linguagens filatélicas e na utilização da área tradicional de composição do selo. Foi possível observar que alguns artistas introduziram uma forma diferente de conjugar o espaço imagético com as referências principais que o selo deve obrigatoriamente apresentar. Os elementos tipográficos permaneciam "contidos" dentro da área decretada ou na própria composição dos artistas. Ao conjugar os elementos tipográficos com a cercadura branca, que permanecia "intocável" até então, introduziu-se uma nova forma de trabalhar a tipografia incluindo-a na composição visual.

Sugerimos como exemplo – a emissão do 13º Congresso da IRU (Unión Internationale de Transports Routiers) com autoria de Luís Carrolo, a emissão "Interphil76", com desenho dos serviços dos CTT; e a emissão da "Entrada de Portugal para o Conselho na Europa", com desenho de Álvaro Mendes. Em determinadas emissões a composição passa a integrar toda a superfície do Selo Postal, inclusive até à área de picote como a emissão a cargo de Maluda com "Os Quiosques de Lisboa"[6] (1985) – Figura 14.

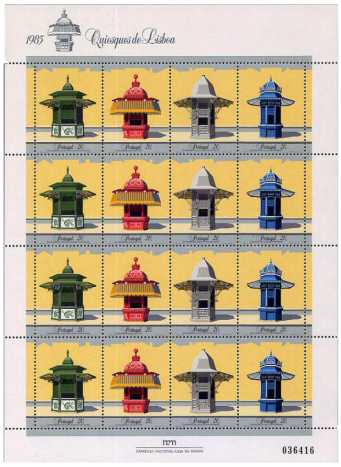


Figura 14 Maluda (1985). Quiosques de Lisboa [Imagem Online]

Sem mais restrições de elementos gráficos, existem agora cada vez mais assuntos por celebrar. E assim como os primeiros selos representaram e enalteceram grandes personalidades da história ou efemérides de importância social, também a partir da democracia se ampliou as emissões sobre entidades institucionais, personalidades artísticas, infraestruturas de cariz histórico e até acontecimentos comemorativos anuais (nacionais e internacionais) como por exemplo os Jogos Olímpicos e a Expo98.

[6] A emissão foi premiada com o "Government Postage Stamp Printers' Conference" (Washington, Estados Unidos em 1987), distinguindo o "Melhor Selo do Mundo em Offset", com destaque no Quiosque de Tivoli.

O domínio restrito (considerado por Eugène Vaillé em 1962) em que o selo se inspirara até então, tornou-se insuficiente. O aumento da criação de emissões foi o rosto das novas gerações e da diversidade que estas representavam. Quer esteja representado a efígie de uma personagem importante ou um acontecimento o selo mostra-se como «espelho do mundo» (Eugène Vaillé: 1962; 131 e 132).

Na década de 90 as temáticas foram cada vez mais diversificadas - a azulejaria e a faiança, o artesanato, a Arte e os seus artistas, veículos de transporte, profissões e personagens tipicamente portuguesas e os Direitos Humanos ganham destaque nas emissões portuguesas. Apesar das inovações, não deixaram de ser comemorados marcos importantes da história do país, contudo, são celebrados em correntes artísticas mais atuais. As direções artísticas dos serviços conseguem, ao longo dos anos, uma gama de artistas que trazem frescura e variedade técnica. Entre algumas, salienta-se a fotografia, a ilustração, ilustração científica e as técnicas mistas e digitais.

A entrada no novo milénio trouxe consigo marcos históricos dignos de celebração filatélica como a admissão da moeda única, os 150 anos do primeiro Selo Postal Português, o Euro 2004, os 30 anos de Democracia, 0s 50 Anos da Federação Portuguesa de Filatelia e celebração dos 250 Anos do Terramoto de Lisboa. Na comemoração dos seus 150 anos o Selo é celebrado de forma atual e inovadora com a realização de duas emissões: uma com Holograma, outra com a reimpressão em relevo do Selo de 25 reis de D. Maria II e com uma moeda também alusiva à rainha. Destaca-se a introdução de holograma como forma de exaltação e símbolo de segurança e viabilidade do serviço postal, uma técnica que inspira o futuro não só como exploração artística a dimensões mas como uma aposta moderna de segurança e prevenção à falsificação. Nesta década o Design também é digno de emissões a título da "Experimenta. Design", pelo atelier Brandia/Novo Design, com um formato irregular e único até então; a emissão dedicada ao design de produto, a cargo de José Brandão e Paulo Falardo; e a emissão dedicada à Moda por Sofia Martins, Vasco Marques e Luiz Duran.

O ano 2000 e a Era tecnológica não trouxeram só qualidade de realização e produção a este objeto de franquia. As tecnologias permitiram, principalmente a nível social, a evolução das comunicações humanas, isto é, com o avanço dos telefones e a chegada da internet o meio escrito é deixado para ocasiões de registo ou comprovativo físico. O fluxo de comunicações escritas diminuiu e consequentemente a emissão de franquias.

Em 2007 foi lançado um desafio à população em geral, em especial, para o público juvenil das telecomunicações de forma a incentivar e angariar pequenos colecionadores. Pela revista CTT – Aposta, foram registadas na época 1900 propostas de temas e o site, disponível para votação pública, recebeu aproximadamente 70 mil visitas.



Figura 15 "Se Quiser Ser O Criador Dos Novos Selos CTT Pode Sê-lo." [Publicidade]

Através da Portaria nº 1 335/2007 de 1 0 de Outubro, os "CTT - Correios de Portugal S.A." foram autorizados a criar e a lançar em circulação o «selo personalizado» com as características que a seguir se indicam. O «selo personalizado» é um serviço comercialmente designado por «Meu Selo», que possibilita a personalização de selos através da incorporação de imagens e/ou textos, designadamente logótipos, fotografias e criações artísticas originais entre outros elementos.

Os selos personalizados incorporam nas suas margens as menções «Portugal ctt», o ano de impressão e a franquia. No espaço central do selo, reservado para a personalização, é impressa a imagem correspondente sem a qual o selo não é valido. O selo personalizado é um selo com as mesmas características de um selo tradicional, com espaço disponível para personalizar. (Afinsa: 2009; 473)

No decorrer dos anos o Selo tem vindo a sofrer alterações em relação à sua função. Outrora foi exclusivamente objeto de pagamento, hoje em dia é maioritariamente fonte de desenvolvimento, estímulo de criatividade e inovação. O Selo quer atualmente despertar emoções e consciencializar intelectos em âmbitos ambientais e cívicos. Por exemplo, o lançamento do primeiro Selo autoadesivo de papel de cortiça, em 2007, com desenho de João Machado; e em 2009, a emissão "Os Selos e os Sentidos", com o bloco em Braille pelo Atelier Acácio Santos.

A par das novas gerações e da constante evolução tecnológica o Selo uniu-se, em 2012, ao conceito de Realidade Aumentada. A utilização de códigos QR (Quick Response Codes) é atualmente uma nova forma de aceder a conteúdos suplementares on-line (figura 15). A partir dos antigos códigos de barra, criou-se um novo código capaz de ser lido através das novas gerações de telefones e câmaras Web. O artigo "A espantosa realidade das coisas" (Raquel Moz: 2012), diz-nos que a filatelia se associou a esta tecnologia na emissão dos 75 anos dos Navios Sagres e na 2ª emissão do Fado Património da Humanidade em que é possível aceder ao Web site da Marinha Portuguesa e ao Museu do Fado, respetivamente, a partir do código QR das suas pagelas. Outro passo no avanço tecnológico filatélico é o reconhecimento de imagens bidimensionais via webcam ou câmara de telemóvel. Em Outubro de 2012 os CTT realizaram uma parceria com o Brasil, no âmbito das celebrações do Ano de Portugal no Brasil e de Brasil em Portugal, que resultou numa emissão de realidade aumentada com excertos de poemas de Fernando Pessoa e João da Cruz e Sousa, com design da Folk Design (Figura 16 e 17).



Figura 16 Folk Design (2012). Emissão Conjunta Portugal Brasil



Figura 17 Strat Design (s/d). "A Espantosa Realidade das Coisas" [Infografia]

CAPÍTULO II

DIMENSÃO GRÁFICA

FORMATO

Existem selos de todos os formatos, mas os de base ou de uso corrente conservam consigo as dimensões que formaram os primeiros selos. A fórmula deve-se também ao Penny Black inglês e o Cere francês que escolheram um formato (rectangular com o lado menor na base) de tal forma perfeito no plano estético e prático que se manteve inalterável por mais de um século.

Com o tempo a administração dos correios libertou-se do rigor fazendo aparecer formatos rectangulares cada vez maiores na orientação vertical e horizontal. De seguida vieram os formatos quadrados, selos redondos e triangulares (como por exemplo Cabo da Boa Esperança, Lituânia, Moçambique, etc.). As nossas administrações procuraram a originalidade criando formatos irregulares, como por exemplo a emissão do Experimenta Design (2004) e o formato circular na emissão do Euro 2004. Em Portugal poucas foram as variações dos mesmos destacando-se apenas o aumento exagerado do formato das emissões na década de 40/50 que suscitaram algumas reclamações por parte dos filatelistas e utilizadores do serviço postal.

Considera-se portanto que a busca pelos contornos sinuosos não se enquadra com os princípios da arte filatélica, colocando-se de forma inversa do que inspira as etiquetas ou rótulos de mercado tradicional. Juntamente com o formato de selo habitual também foram introduzidos os blocos que reforçam ainda mais uso de matéria, o que pode representar o mau uso de recursos. Contudo veremos, nos formalismos, que um excedente de matéria pode representar uma aposta na informação e promoção das celebrações do selo postal.

PAPEL

A escolha do papel também é por vezes influente na designação de cotas, pois numa emissão podem haver mais do que um tipo de papel usado. O papel utilizado durante um longo tempo para impressão de selos postais foi o papel chiffon puro ou "vergé" mas, a partir de 1910, a França já utilizava celulose química.

De modo a prevenir a falsificação, por vezes a sua massa é colorida ou passavam-se apenas alguns fios pela coloração durante a sua fabricação. Com o mesmo intuito também se usavam as filigranas com um ou mais temas por folha, representando letras ou temas como armaduras, coroas reais, âncoras, trombetas dos correios, flores heráldicas ou flores-de-lis. O mesmo acontece com as notas de banco, quando se observa a sua transparência distingue-se o desenho da sua filigrana.

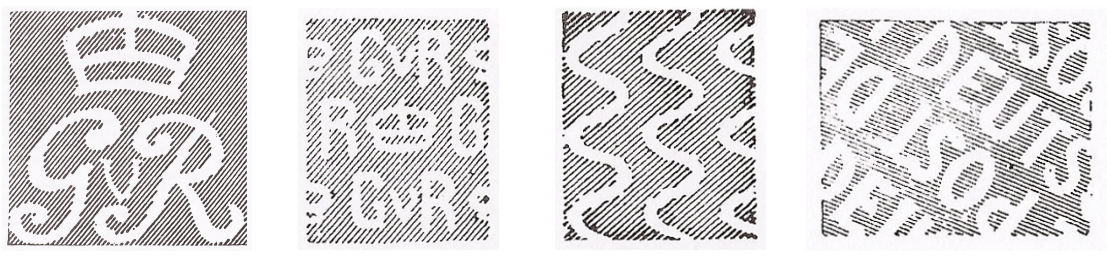


Figura 18 Variedade de Filigranas: letras, linhas, frases, etc [DESENHO]

A partir da edição de autor de Eurico Cardoso (1984; 36) designaremos os mais conhecidos:

PORCELANA ou COUCHÉ	A superfície é macia e tem o brilho do aljôfar. É preparado com uma camada de gesso. Risca-se facilmente, ficando a marca de qualquer fricção.
ESMALTE	A superfície é acetinada e mais do que a do "Porcelana" mas isenta, de qualquer preparado. É a qualidade de papel a que os franceses, por semelhança, chamam "glacée"
LUSTRADO	A superfície é menos brilhante que a do "Esmalte" e isenta, também, de qualquer preparado. O brilho nos papéis "Esmalte" e "Lustrado" é dado pela máquina de repassar – chamada calandra.
AVERGOADO (ou estriado)	Apresenta, quando visto contra a luz, soluções de continuidade na pasta, em forma de linhas, que podem ser horizontais ou verticais ou ainda formar losangos ou quadrados. OS franceses chamam-lhe "vergé".
COSTELADO	É o papel que apresenta numa das faces uma série de saliências lineares mais ou menos paralelas entre si, geralmente interrompidas, e que melhor se observam nas zonas brancas do selo.
PONTINHADO EM LOSANGOS	É a qualidade de papel que, quando examinado contra a luz, apresenta uma espécie de tecido, composto de pequenos losangos regularmente dispostos.
FILIGRANADO	Chama-se filigranado ao que papel que, visto à transparência, apresenta um desenho feito na própria pasta e que tem por fim caracterizá-lo mais nitidamente.
LISO	É a qualidade de papel composto de massa uniforme, macia e lisa. Quando examinado contra a luz não mostra manchas claras ou escuras. O papel pontinhado em lonsagos (nacional) incluído no papel liso, apresenta vestígios no tecido, isto é, losangos imperfeitos.
CARTOLINA	Papel de tipo semelhante ao anterior mas com uma espessura nuca inferior a 0,14mm.

Quadro 2 Tipos de Papel utilizados nos selos postais, por Eurico Cardoso (1984)

ACABAMENTOS

Recordemos que nos primeiros tempos não existia a fase a que chamamos hoje de pré-impressão, isto é, o gravador "abria" diretamente, a partir da maquete do artista, o desenho na matriz. Com a evolução fotomecânica o original passou a ser transferido para o formato original através de redução fotográfica. É possível registar evoluções técnicas e produtivas desde o seu nascimento e assim como o advento dos processos de impressão mecânicos também a secção de acabamentos criou condições para uma gomagem e um picote cada vez mais eficazes.

Sir Rolland Hill quando pensou no melhoramento do serviço postal pensou num objeto que pudesse ser colado de forma a cumprir a viagem dos objetos postais – O Selo tinha de ser "adesivo" (J. P. Martins Barata: 2003; 85). Pensado previamente que os rementes não teriam correntemente cola e um pincel aplicador, o verso do Selo teria de ter uma goma que, quando humedecida, permitisse a sua fixação a qualquer produto de envio. Este revestimento ainda é aplicado nos dias de hoje, mas de forma prévia, o Selo é executado em papel previamente gomado em vez de ser aplicada a goma após a sua impressão, como decorria originalmente.

Seguindo a mesma lógica de evolução também o processo de separação do conjunto de selos, organizados na folha de impressão, foi desenvolvido a partir da criação do picote. O que inicialmente era realizado à mão através de uma tesoura passou a ser executado a partir de um "pente" de agulhas de aço. "O número de dentes varia sobre um determinado comprimento." (Caurat; 84-85). O processo era considerado igualmente demorado e com irregularidades cujo o denteado mordia visivelmente a imagem, mas rapidamente se mecanizou de forma a que as agulhas de perfuração se posicionassem rigorosamente à mesma distância, mediante o alinhamento dos selos na folha.

Para saber identificar o tipo de denteado de cada Selo, se se ler, por exemplo, na informação técnica do mesmo que tem um denteado 12, significa que em todos os seus lados, em dois centímetros de denteado contam-se 12 dentes. Felizmente foi criada uma bitola que apoia o filatelista nesse âmbito, com a designação de "Odontómetro". Este apoio pode ser encontrado em suporte de papel, plástico, vidro ou alumínio no qual estão impressas séries de pontos negros de modo crescente. Para conhecer o denteado basta fazer corresponder o selo no recorte correspondente.

EVOLUÇÃO DAS TÉCNICAS DE IMPRESSÃO SOBRE A EXPRESSÃO VISUAL

Margarida Fragoso (2012; 47) diz-nos que a evolução das técnicas e das tecnologias da produção de material impresso permite acompanhar a evolução das expressões gráficas mas também compreender as suas condicionantes. Seguidamente abordaremos tecnologias como a Calcogravura, Litogafia, Talhe-doce, Heliogravura e Offset

Concentrando-nos no objeto em estudo, é possível compreender as limitações que os processos tipográficos e calcográficos tiveram nos processos inicialmente utilizados, como a tipografia, salienta-se a supressão de alguns elementos da composição original até ao processo de impressão, pois até à conclusão da matriz, o desenho do artista passaria pela interpretação do gravador e por sucessivos ajustes de prova.

Com a entrada no século XX foi dado o passo para o crescimento exponencial da criação de imagens visuais a partir da evolução dos meios tecnológicos. Recordemos que, anteriormente às facilidades atingidas através da pré-visualização, antes da impressão os processos primários requeriam quatro espécies de provas referentes ao selo, nomeadamente: provas de gravura, provas de matriz, provas de chapa e provas de cor todas elas manuais.



Figura 19 Primeiro Centenário da Escola Naval (1945)

As soluções de cor permaneceram precárias durante algum tempo devido à escassez de materiais durante a guerra. O gravador, usando a sua experiência, visualizava o traço que substituiria a cor de forma a construir planos. Especificamente no processo tipográfico permaneceram limitações monocromáticas, onde só era possível a impressão de uma cor. Em trabalhos únicos (pelo seu pormenor) os espaços em branco corriam o risco de entupir. Na Figura 19 é possível observar o excesso de tinta da impressão final em relação ao desenho do autor, as letras de Escola Naval sofrem um estreitamento pela tinta do seu contorno na imagem à direita, perdendo-se assim a luminosidade e o contraste.

Mas o processo de impressão privilegiado para este solene objeto é o talhe-doce. A técnica é realizada, à mão pelo gravador, a partir da abertura de sulcos com um buril numa matriz de metal.

Apesar de ser uma técnica preventiva em relação à falsificação (pois o trabalho é especificamente manual com um caráter interpretativo do gravador) o resultado da impressão confere ao selo postal um traço vincado mas com resultado graficamente contrastante. Talvez de caráter austero e contido mas de distinção única, como exemplo na Figura 30 é possível vislumbrar, de forma aumentada, as diferenças destes dois processos.

Mestre Jaime M. Barata distingue o processo Talhe-doce como aristocrático e o processo tipográfico de comercial e económico, mas este último também é capaz de atingir bons resultados quando é bem executado (1948; 32). Apesar da tipografia ter sido das técnicas mais criticadas devido ao facto de o processo reduzir a qualidade da reprodução artística (quanto maior fosse o número de tiragens maior o desgaste da matriz, e consequentemente, maior a perda dos traços artísticos) foi das mais viabilizadas na produção de selos pelo seu pequeno custo. A Talhe-doce, em contra partida, foi das mais caras mas a mais rica gráfica e tecnicamente.

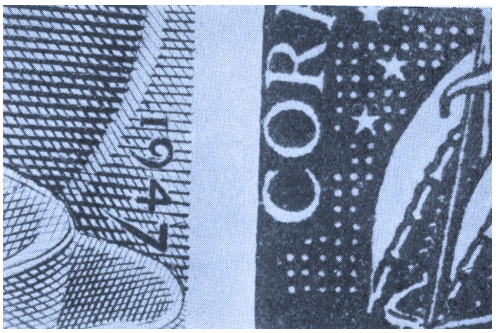


Figura 20 Feyo B. (1948) e Martins Barata, J. (1943). Pormenor da Emissão S. João de Brito e Caravela

Com a chegada do século XIX, um químico alemão descobriu uma forma de impressão plana diretamente a partir do desenho artístico – a litografia. A matriz é original em pedra e através de substância gordurosa é possível o registo e impressão do desenho. Este meio permitiu um salto nos efeitos e pormenores artísticos que a tipografia não conseguia atingir. Mais tarde com o desenvolvimento da indústria a inovação, desta técnica, deu-se a multiplicação mecânica através dos processos fotomecânicos devido a fragilidade do material da matriz. Esta consistiu depois em imprimir não diretamente no papel mas através de um cilindro de borracha que por sua vez passaria a imagem para o papel.

Este processo já não necessitava de uma pressão localizada como o tipográfico o que permitia imprimir em suportes de papel com texturas, obter traços mais finos, e um acabamento melhor. A captação direta de imagem posteriormente provocou um avanço artístico ao nível de técnicas e de expressão visual mas contribuiu para a supressão da profissão de gravador.

A evolução da cor só surge com o aparecimento da fotogravura. Com a evolução das técnicas fotográficas e emulsões foi possível alcançar um processo que decompõe a gradação cromática através de sulcos realizados num cilindro de cobre por intermédio de sensibilização fotoquímica – a Heliogravura ou fotogravura. Esquematicamente, Eugène Vaillé (1962; 120) descreve-nos o processo da seguinte forma:

> *A imagem fotográfica, a reproduzir em tantas provas quantas as necessárias, para construir uma estampa, é colocada sobre uma placa de cobre, preparada por meios químicos para receber, à luz coada através de uma trama cujo quadriculado seja relativamente cerrado. A imagem aparece sobre o metal através de uma quantidade de quadrados. Um soluto apropriado gasta o metal a maior ou menor profundidade, [realizando] a intensidade dos brancos e dos negros, as linhas entrelaçadas da trama, formando arestas em relevo que constituem as divisões de uma conjunto de alvéolos repartidos sobre toda a superfície da imagem. São estes os recipientes diferentes nos quais a tinta será depositada, consoante a sua profundidade. (Figura 21)*

Através deste foi possível modernizar o produção gráfica do Selo obtendo intensidades de cor que outros processos mecânicos não conseguiam, porém torna-se facilmente atingível a sua falsificação. Desenhar selos voltou a exigir ao artista conhecimentos das capacidades gráficas da produção do Selo, por este motivo as administrações deixaram de promover concursos para encomendar diretamente aos artistas que se foram especializando neste âmbito.

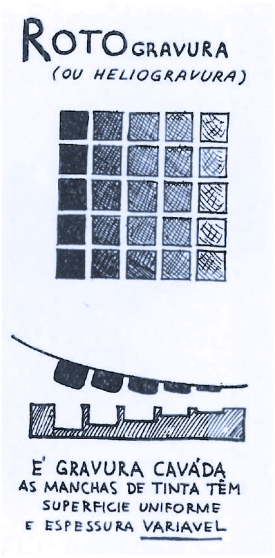


Figura 21 Martins Barata, J. (s/d). Rotogravura ou Heliogravura [Infografia]

De todos os métodos é o Offset o mais económico de todos os processos. Nesta técnica de impressão já não é necessária a intervenção do artista gravador, a interpretação é essencialmente fotomecânica, contudo, por vezes são precisos os retoques manuais. Tornou-se na técnica maioritariamente empregue pelos CTT a partir da década de 50, pelo seu baixo custo. Esta é procedente da técnica plana fotolitografia (transposição da imagem para um suporte de metal através de um processo fotomecânico – fotolito) com a propriedade de separar a tinta por incompatibilidade da água e da gordura. A sua evolução tecnológica progrediu rapidamente permitindo resultados de grande riqueza e firmeza, tanto em cor planas (ou sem variação de intensidade) como em meia-tinta. Temos como exemplo a cores planas o 5ª centenário do Nascimento de Vasco da Gama (1969) e a comemoração do Centenário da Imprensa Nacional (1969).

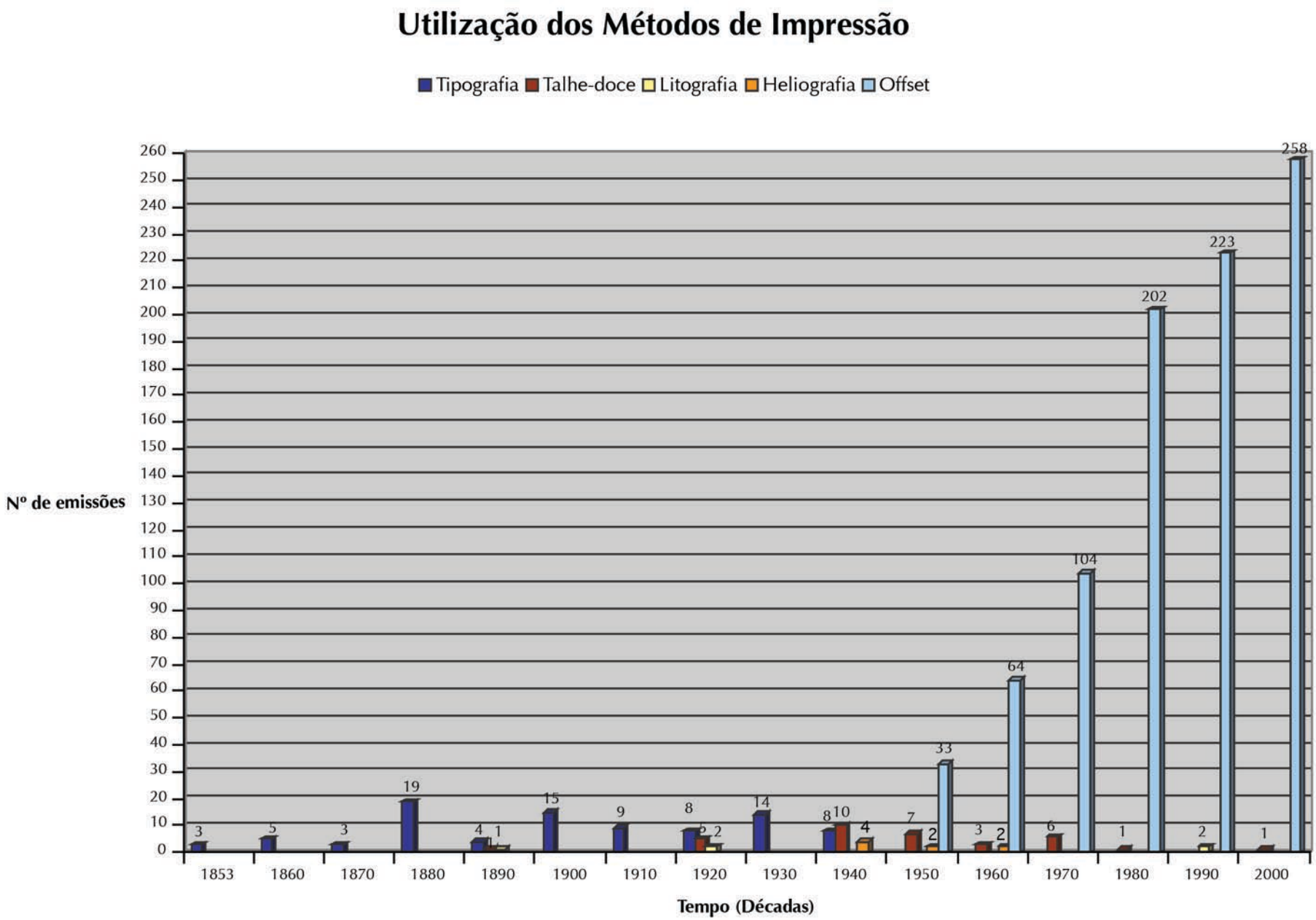


Gráfico 1 – Utilização das técnicas de impressão nos selos postais nacionais ao longo do tempo

PROCESSO DE DESIGN

O processo de design para o desenvolvimento de uma ideia ou projeto é possível ser estudado no âmbito do Selo a partir da adaptação de algumas teorias[7]:

1. Compreensão do Tema
2. Pesquisa
3. Conceptualização
4. Desenho
5. Análise e escolha de esboços
6. Desenvolvimento
7. Arte Final
8. Produção gráfica

A análise das diversas componentes que constituem a elaboração de um Selo Postal são extremamente importantes para uma melhor compreensão do objeto, porém, só abordaremos algumas. Observando o processo de design é possível constatar que o desenho sempre fez parte da primeira fase projetual. Nesta etapa são realizados diversos registos até alcançar a composição pretendida. Devem fazer parte da composição básica do selo a taxa e o nome do país, estes são exigidos em destaque e de forma evidente de modo a que "a figura (...) [seja] um comentário à legenda – e não como nas ilustrações onde a legenda é um comentário à figura." (J. M. Barata: 1953; 141). Também a autoria de desenho e do gravado é colocado à parte da composição, especialmente "aos pés" da composição, na moldura branca. Nas comemorações e após a introdução das "Temáticas" passou a ser introduzido título da mesma, da celebridade ou do acontecimento. Atualmente os elementos representativos de um Selo são: País; Ano; Taxa; Autor; Gráfica; Título.Após a fase de exploração, mediante a definição do conceito e dos objetivos pretendidos, o designer ensaia quais os meios que se adequam à concretização do projeto, executando as suas ideias através de modelos ou maquetes. Mediante o artista, são utilizadas as mais diversas técnicas para a produção destas recorrendo a lápis de carvão, lápis de cor, tinta da china, guache, aguarela, óleo, colagens de tipos ou fotografia.

Hoje em dia é possível observar o sucesso dos meios tecnológicos comparativamente ao processo manual desta fase, em que o artista permanecia num sistema constante de finalização de arte final das maquetes para impressão. Sequencialmente, através da maquete em desenho, recorte, montagem, colagem, fotografia, impressão fotográfica, ampliação e redução. O processo de composição gráfica era realizado a uma escala maior do que a final, de modo a facilitar a composição gráfica. Segundo Jaime Martins Barata, "(...) usualmente numa escala de 8:1 e 10:1." (s/d; 1). Contudo, só depois da sua redução eram detetados erros de legibilidade o que obrigaria a recomeçar o processo de montagem para a realização de ajustes.

[7] O processo de design do Selo Postal vai adptado a partir de metodologias de Brucer Archer (1960), Bruno Munari (1981) e Schulmann (1994)

A partir da Palestra Profissional: "Como se faz um Selo Postal", presidida por Jaime Martins Barata (1947), podemos ter acesso à sequência detalhada de procedimentos desde a arte final até à produção. Para o processo tipográfico era pedido um original diferente do processo de talhe-doce.



Figura 22 Martins Barata, J. (1943). Desenho a preto e branco da emissão a Caravela.

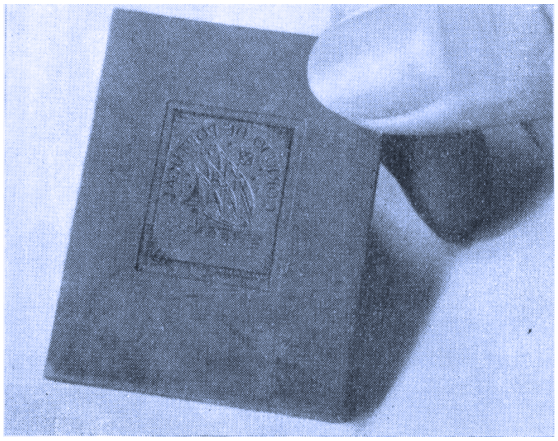
EXEMPLO 1 | A Caravela (1943)

Como já tínhamos referido anterior-mente, o desenho a preto e branco é então realizado numa escala superior ao tamanho real. De seguida, foi confiada a sua execução ao Mestre gravador Gustavo de Araujo, "o qual abriu num pequeno rectângulo de chapa de aço macio, retocando-a sucessivamente e pacientemente até (...) ser considerada pronta." (Idem: 1948, 27) Realça-se o facto de a chapa não apresentar os algarismos de taxa abertos pois vai servir para mais do que um valor. A gravura é de seguida "temperada" para o aço adquirir "rijeza", fica assim pronta a matriz definitiva (Idem:1948; 28).

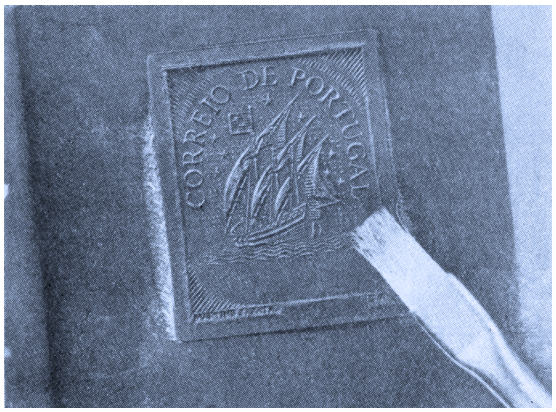
Imprime-se a chapa temperada várias vezes sobre a cera plombaginada, como um sinete no lacre. É possível observar um exemplar na Figura 22, onde o desenho e as palavras não estão invertidos. As ceras resultantes são submetidas a um banho galvanoplástico, que permite depositar uma camada de cobre na sua superfície, reproduzindo assim com "fidelidade matemática" a gravura original. Tornamos a ver a gravura como a inicial, mas de cobre – dá-se o nome de Punção. (Figura 25)

Neste punção é aberta a taxa necessária, por exemplo 1$00. Depois do valor aberto, o punção volta a ser impresso nas ceras plombaginadas, como inicialmente, e torna-se a obter destas, punções em cobre com a taxa. Agrupam-se cem destes punções na rama tipográfica de uma máquina, como se fossem tipos de imprensa. [Por esse motivo] têm a altura dos tipos de imprensa. (Idem, 1948, 27-28)

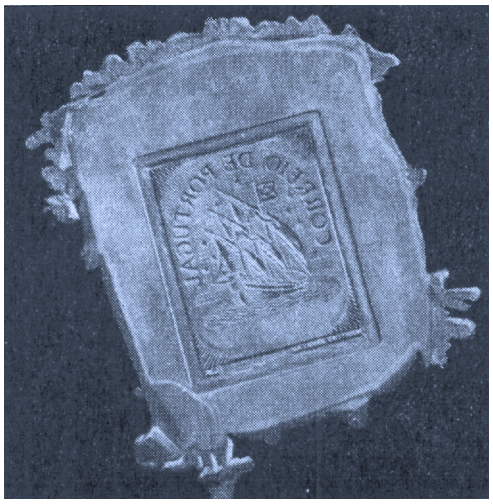
23



24



25



26

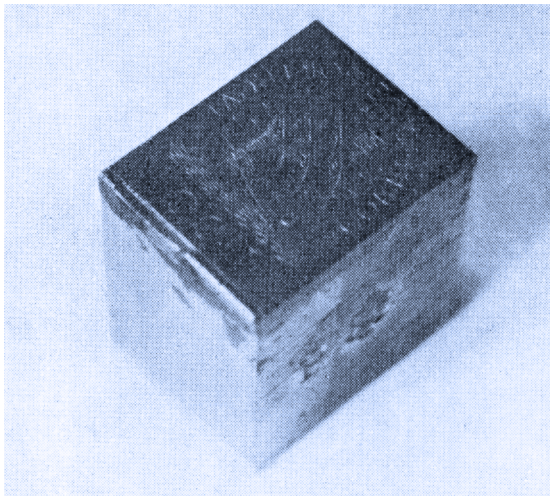


Figura 23 Desenho da emissão Caravela gravada em aço macio
Figura 25 Punção

Figura 24 Cera Plombaginada
Figura 26 Punção tipográfica

EXEMPLO 2 | Centenário de S. João de brito (1948)

Uma emissão pensada para uma produção em talhe-doce começa igualmente por um desenho a preto e branco ou um desenho a meia tinta como a fotografia. Este exemplo é particular pois a etapa de materialização da ideia foi concretizada em baixo-relevo pelo Mestre Barata Feyo (Figura 27). A esta maquete foi feito o enquadramento, tirada e retocada a fotografia e o desenho das taxas, de acordo com o autor. Como se pode observar, é um processo relativamente mais difícil pela dificuldade de introdução dos elementos tipográficos sobre a maquete fotográfica (Figura 28).



Figura 27 Feyo, Barata. (s/d),Baixo-relevo de S. João de Brito [FOTOGRAFIA]

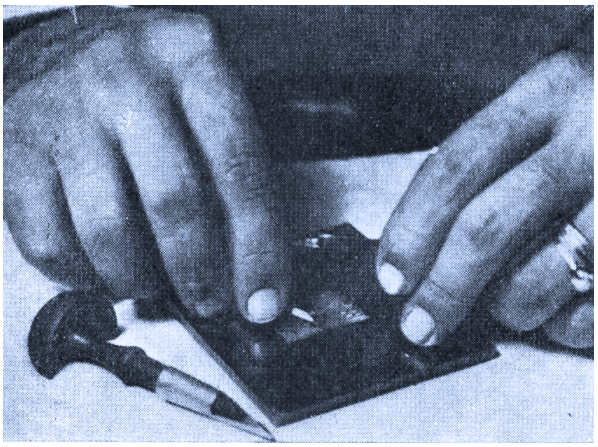


Figura 28 Composição final da emissão do Centenário de S. João de Brito [DESENHO]

Após a maquete finalizada, o original é entregue ao Mestre gravador Renato Araújo de forma a realizar a gravura. Esta é seguida cuidadosamente através de uma lente devido à exigência do pormenor (Figura 27). São realizadas sucessivas provas até atingida a definitiva (Figura 28).

Para a produção em talhe-doce pode ser utilizado o processo de galvanoplastia mas neste exemplar será utilizado o processo de "transfer" – o processo Perkins, usado no "Penny Black" há 107 anos mas sempre atual. A partir da chapa temperada far-se-á passar um rolo de aço macio, aplicando-lhe uma forte pressão, de modo a marcar o aço do rolo. Ficarão marcados os traços em relevo pela pressão pois o aço da chapa temperada é mais dura do que o aço do rolo. Como é possível observar na Figura 27, grava-se o rolo em quatro pontos para reproduzir uma chapa matriz de cinquenta ou cem selos. O rolo é temperado de forma a aumentar a sua rigidez e é aplicada uma força sobre a chapa de aço macio. Na Figura 31 é possível vislumbrar os marcos do desenho que reconstitui a gravura inicial. Recorda-se novamente a necessidade de temperar a matriz final e fica assim pronta para impressão.

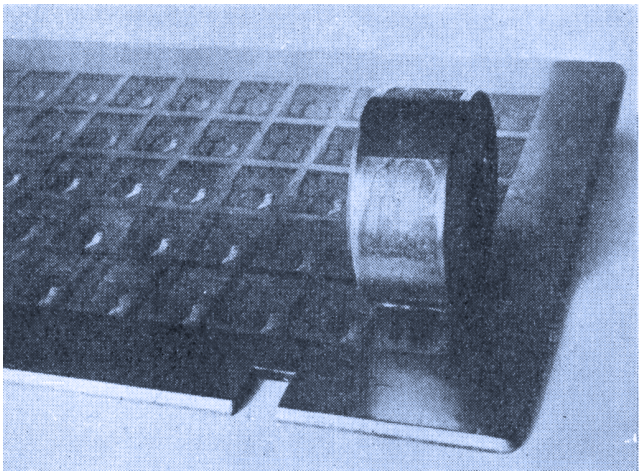
29



30



31



32

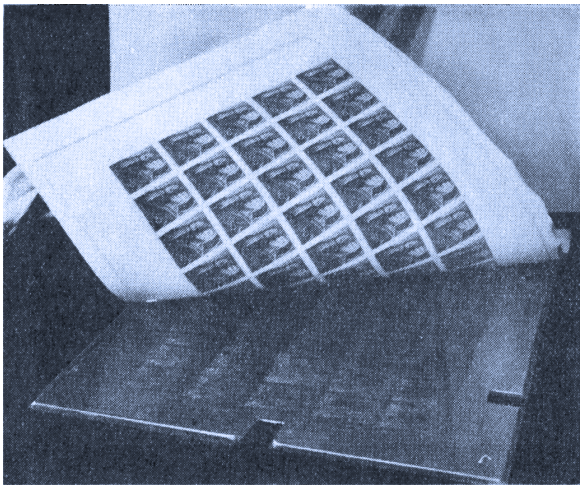


Figura 29 Processo de Gravura pelo Mestre Renato Araújo [FOTOGRAFIA]
Figura 31 Processo de transfer

Figura 30 Prova de Impressão [PROVA]
Figura 32 Processo de Impressão em talhe-doce, emissão S. João de Brito

Recordando a margem de erro da transposição de escala da maquete para as provas finais, através do conhecimento, experiencial e técnico, adquirido pelo artista/designer perfilaram-se tipos de letra e tamanhos de corpo de forma a ajudar na redução da margem de erro final.

Mas com a chegada dos softwares de desenho na década de 90 a facilidade de transpor um objeto de um meio físico para digital através da digitalização permitiu uma manipulação cada vez maior e em menor tempo. O crescimento social e histórico é acompanhado pelo selo postal através de manipulação de formas e cores cada vez mais febris, tonando-se assim mais sugestivo, estimulante, legível e graficamente sucinto. Também o processo de design se alterou e com ele o tempo estimado da sua produção. O processo de design através dos meios informáticos é essencialmente rápido. O desenho é realizado digitalmente e os erros podem ser detetados em impressões-teste. Quando finalizada a fase de idealização é enviado para os serviços de Filatelia o documento final através dos meios de comunicação on-line.

FORMALISMOS ASSOCIADOS À EMISSÃO DE SELOS

Na tentativa de encontrar aspectos chave que tenham mudado na execução ou produção do objeto em estudo na sequência de resposta à questão sobre o término do carácter heráldico do Selo postal, são comparados os formalismos associados às emissões do séc. XX e do séc. XXI. A partir de registo de Jaime Martins Barata (Diretor de Arte entre 1947 – 1968) e o atual diretor de Filatelia Raúl Moreira. Tentar-se –á comparar as duas épocas em cada fase de emissão do selo.

> *A emissão de selos em Portugal está regulamentada pela decreto-lei nº360/85. Nos termos desse dec. Lei apenas a Tutela dos CTT – MOPTC - tem competência para aprovar os temas do programa nacional de Emissões filatélicas de cada ano. (Raúl Moreira: 2010)*

A forma como os pedidos ou propostas chegam aos serviços é feita de forma igual nas duas décadas pelos filatelistas, particulares, entidades empresariais ou por investigação da própria direção de efemérides ou acontecimentos de estimada importância. Mas a partir de uma reunião de balanços e sugestões é necessária a aprovação de uma "short list" que, quando analisada pelo Conselho Consultivo para fins filatélicos, é por fim proposta ao Governo. Aprovado o Plano Filatélico para o ano posterior, são operacionalizados trabalhos de investigação de recolha de informação gráfica e literária sobre o assunto em foco. Neste processo a direção pode realizar investigação por meios próprios ou por intermédio de peritos/entidades competentes nos temas em questão. Posteriormente estabelece-se o contacto com artista pretendido, "Por norma os serviços dos CTT conhecem já muito bem o panorama artístico português e sabem a quem devem pedir desenhos para os selos, de acordo com os temos de cada emissão" (Raúl Moreira: 2010).

A partir desta etapa é possível salientar grandes diferenças cujo a origem está única e exclusivamente na chegada dos softwares de imagem. A comunicação entre o artista e a direção era feita por carta e através de sucessivas maquetes enquanto que atualmente é realizada a partir de um pequeno ficheiro digital, comunicado a partir de qualquer sistema de transmissão on-line ou portátil.

> *Ao chegar-se a um estado de satisfação quanto à ideia geral em composição, tratamento do tema, grafismo das legendas, etc. o selo aprovado em princípio pelos serviços, é desenvolvido numa maquete definitiva pelo artista. (Jaime M. Barata: s/d; 1)*

Passando pela aprovação do diretor de arte, a maquete é submetida à aprovação do "(...) S. Exª. Ministro das Comunicações (...)" (id: 2), atualmente é realizado ao Conselho de Administração, para de seguida dar-se início aos procedimentos de fabrico do Selo, como o pedido de orçamento, a determinação de prazos, a entrega do original, a correção de provas e a aprovação das provas de tiragem. Finalizada a produção gráfica, distribui-se os selos pela rede de clientes dos CTT em Portugal e no Estrangeiro. A entrada em circulação só está legalmente autorizada depois de escrito um despacho superior pela tutela remetida junto com um projeto de portaria para atribuição do valor postal e definição das características da emissão.

Mantendo a mesma preocupação sobre o significado cultural e informativo que o Selo tem para além do seu valor postal, os CTT apoiam cada emissão com uma pagela informativa justificando a composição, apresentando estudos sobre o tema e mais informações técnicas sobre a emissão. Para completar todas as emissões filatélicas são produzidos carimbos de 1º dia para Lisboa, Porto, Funchal e Ponta Delgada.

Para reforçar uma produção filatélica de excelência, a posição ética dos CTT em relação ao lançamento de emissões na década de 60, refere o número de emissões por ano (entre 5 a 8), o limite do valor postal dos mesmo (na época) não excedente a 10$00 e a recusa de comemorações ou celebrações de entidades que não sejam nacionais e que não tenham relação direta com a Vida e História nacional.

CAPÍTULO III

DIMENSÃO FUNCIONAL

A capacidade de comunicação por meio de símbolos é referida como a condição principal do desenvolvimento cultural e da capacidade do indivíduo de realizar e operar com signos. Através da aquisição gradual de um sistema simbólico, o Ser descobre uma maneira de adaptação e transformação do meio. (Scott: 1995b)

Para tentar compreender de que forma é o Selo signo e qual a estrutura semiótica que o caracteriza assim mesmo recorreu-se ao primeiro autor capaz de reunir um estudo semiótico de design Filatélico. David Scott apresenta em European Stamp Design – A Semiotic Approach to Designing Messages as tendências estruturais e ideológicas do selo postal de cinco países europeus.

Deledalle citado por David Scott (1995b; 192) em relação à estrutura semiótica do selo, entende que de uma forma base este objeto compreende, num formato pequeno, duas qualidades estruturais enquanto signo – a cor (também rodeada de uma moldura branca) e a perfuração. A cor enquanto signo qualitativo assume uma função importante associada ao formato. Uma vez que a principal função era exclusivamente assinalar o seu valor facial, a cor pode definir (principalmente em selos base) um padrão ligado ao emissor. É intemporal o exemplo do primeiro selo britânico, reconhecido como Penny Black, através do fundo negro e da efígie da Rainha Vitória. Em Portugal, as primeiras emissões no reinado de D. Maria II foram introduzidas a várias cores e, através do apuramento das emissões base ao longo tempo, não foi criado um sistema de cor que associasse o país.

Quanto à perfuração, esta conferiu um detalhe singular distinguindo a simples vinheta de um selo postal (Scott:1995a; 6). A evolução universal deste processo deu-se em função da sua industrialização sendo por isso utilizado de forma semelhante em todos os países. Contudo, em 2007, foi introduzido em Portugal o corte em Cruz de Cristo para reforço da segurança do objeto (por exemplo na emissão da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, com autoria de João Machado). De uma pesquisa realizada sobre a existência do mesmo corte noutros países foi possível constatar que é característico do selo português, representando os Cavaleiros da ordem militar e religiosa portuguesa.

O mesmo autor, através de uma observação política, diz-nos que o selo tem como primeira função a representação de um país de diversas formas, começando pelo o nome impresso. Na sequência da identificação do país, a segunda função é representá-lo a partir do uso de simbologia ou pela introdução de figuras que representem a moeda de estado. Por exemplo, a ostentação da cabeça da Rainha Vitória, presente nos selos britânicos desde a origem do selo. Ainda é possível uma terceira função de modo a que haja engrandecimento de um aspecto do país.
De uma forma mais específica, utilizando simbologia que comemora um evento ou o aniversário de uma figura de importância nacional – damos-lhe assim o nome de Selos Comemorativos (Scott: 1995b; 191).

Nesta função comemorativa, o mesmo autor refere que se o evento a ser comemorado é de assunto contemporâneo, o papel indicial da imagem comemorativa é ainda mais importante. Contudo, mesmo que o país represente elementos do próprio, deve apresentar-se com o signo que esse mesmo estabeleceu para a sua entidade.

O mesmo autor considera existir neste objeto uma tensão constante entre signo e ícone pois um ícone pode ser considerado "(...) facto ou coisa [capaz] de evocar e representar determinado movimento, período, atividade, etc." (In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013) correspondendo de imediato ao objeto de que falamos, mas o Selo Postal não é um mero ícone ou imagem. Embora de pequeno formato, a partir das classes estudadas por Charles S. Peirce, é extremamente difícil definir um signo em termos absolutos, especialmente algo complexo como o Selo Postal. Scott (1995a; 7) traduz-nos aproximadamente, dizendo que: "(...) an icon is pictorial sign; an index, a pointer sign; a symbol, a conventional sign. Whereas the stamp functions primarily as an indexical sign (pointing to the country of origin), as an object it encompasses iconic and symbolic elements (pictures, letters and numbers).". O Selo é portanto um objeto portador de mensagens, composto por símbolos e elementos icónicos como imagem, texto e números sustentados pelo seu próprio formato figurativo da sua componente funcional.

Perante a sua complexidade é essencialmente necessária uma abordagem cautelosa das suas funções semióticas e dos diversos contextos em que é usado por parte de quem o administre (Idem; 14).

> ***For the signs to be read in the way intended by their designer, it is importante toSunderstand the semiotic characteristics of their component parts – text, image, image combination, format, color, etc. – and the way in which they interact to produce an overall effect. (Idem; 6)***

Embora os seus constituintes semióticos base o tornem um signo, existiu um pequeno número de selos que se limitou inicialmente a uma abordagem funcional: "(...) perforated oblong of color with name of issuing country and price of postage." (Scott: 1995b; 194). É desta forma clássica que maioria dos países mantêm a receita de cento e cinquenta anos criada por Sir Rowland Hill, com preferência na introdução de um elemento ícone como a cabeça de um monarca, um cabeça de estado ou um símbolo nacional.

A função deste elemento não esteve só em tê-lo como suplemento informativo do país emissor mas sim na representação de um dos aspectos políticos, históricos e culturais. Apresentando, como exemplo, o Selo inglês é possível observar que desde que a Grã Bretanha inventou o Selo Postal numa versão moderna, não necessitam de incluir neste o nome do seu país. Scott (Idem; 194) ainda nos diz que essa dupla função da cabeça – ícone (a representação do país e de um monarca prestigiado) e indicial (do indicativo do nome do país britânico) é o resultado de uma economia particular e eficiente do uso dos signos.

The official nature of the stamp and its function as conveyor of conventional practices and values make of it, as a general phenomenom, produced in vast quantities and used by millions of people, a legisign, a "law that is a sign (...). (Scott: 1995b; 193)

FUNÇÃO: FRANQUIA E/OU PROPAGANDA

Após um estudo geral do percurso histórico e visual, proceder-se-á a uma análise de caráter morfológico do objeto, através de elementos escritos por Jaime Martins Barata caracterizados por períodos de contenção artística e de regime político. Contudo simbolizam a etapa de transição do estatuto do selo postal que transpõe a natureza funcional para a natureza embaixadora.

Lançando o olhar sobre o percurso do Selo Postal em Portugal é possível destacar algumas fases político-sociais que lhe desenvolveram funcionalidades e componentes visuais. Destacam-se os primeiros selos de lacre e de relevo em papel do qual declara a sua origem e as suas primeiras adaptações ao correio nobre; de seguida a liberalização dos correios com o reinado de D. Maria II em que selo transpõe os limites da nobreza para o servir o povo edificando a imagem do regente; posteriormente da viragem do pensamento político republicano ao ditador mas proclamador de valores, passando pela revolução industrial e liberdade de expressão conduzindo-o a um crescimento produtivo exponencial e visual a meados do séc. XX até atingir a Era tecnológica e a atualidade. Todas se caraterizaram por fases delicadas mas importantes na história deste objeto, pois introduziram pensamentos revolucionários que resultaram principalmente em formas de composição, comunicação e utilização mais persuasivas.

Quando iniciou a «sua vida» o Selo cumpria a sua primordial função de franquiar, era "usado sem especial consideração, colado onde fosse preciso, manchado impiedosamente pela marca de obliteração, deitado fora ao mesmo tempo que o invólucro a que foi aposto" (J.P. Martins Barata: 2003; 40). Mas o selo renasceu e perpetuou-se da condenação à lixeira e ao esquecimento, agora é cuidadosamente recolhido e acarinhado, guardado e estudado, apreciado por todos em molduras ou álbuns, reside agora em casa dos seus admiradores, colecionadores e espaços difusores, como museus. De estafeta de rua a obra de arte o selo é atualmente um documento de valor admirável.

Relembrando a comemoração dos seus cem anos, em que foi realizada uma compilação sobre o mesmo através da coordenação de Jaime Martins Barata, revela-se o ponto de vista administrativo da época que definia uma forte tendência para os Estados se servirem das emissões especiais ou comemorativas para substituir o selo base, pois alguns procuravam equilibrar contas. Jaime diz-nos que: "Há, pelo menos, dois grandes interesses possíveis para o Emissor dos selos postais comemorativos ou fora das séries normais de serviço: o de fazer receita e o de fazer propaganda de valores que a mereçam (...)" (1953; 137), contudo esclarece que receita não foi o caso da Administração que o dirigiu pois olhavam ao interesse de propaganda.

De um ponto de vista colecionador o Selo é importante enquanto agente de um valor facial, o seu estado de conservação, a raridade, o assunto e a beleza. Mas se considerarmos os sentidos estéticos dispares entre colecionadores concluímos que, mesmo não considerando a beleza de um entre dois selos, irá colecioná-lo e tratá-lo do mesmo que os outros. Ora e se o Selo Postal é colecionado novo, deixa portanto de ter vida, "(...) a natureza da sua função (...)" (idem; 139) é anulada pelo serviço de propaganda. Adequando este pensamento à atualidade em que o Selo é cada vez mais condicionado à Filatelia, quase substituído pelos novos meios de comunicação e por novos meios de franquia postal, será esta a alternativa aos que o substituem atualmente? Será futuramente a função do Selo a propaganda nacional de valores e efemérides por meio do colecionismo?

A Filatelia, sob o ponto de vista de Jaime Martins Barata "é pois uma actividade particular derivada de um serviço do país." (s/d; 2), contudo, esta não é serviço deste mas é de grande interesse (formativo e não informativo) da nação. A função embaixadora do Selo transcende a sua função prática (de franquiar) mas a ela se une obrigatoriamente, por isso, mesmo que este deixe de franquiar tomará lugar nas funções que lhe são intrínsecas desde a sua origem.

O correio não é o menos culpado dessa crescente monotonia do Mundo, que ele tanto ajuda a ser mais pequeno. E não se poderá queixar de que os desenhos dos seus selos acompanhem, cada vez mais, o fluxo e o refluxo das modas que ele mesmo ajudou a universalizar. (Jaime M. Barata: 1953; 145-146)

Então, à sua função justaposta (de propaganda) conferiram-se sempre cuidados de merecimento e de interesse grandioso. O Selo viaja pelo Mundo inteiro e por isso é essencial que exponha diversidade e "(...) riqueza de vida cultural e intelectual do país que representa, e não apenas da capacidade das suas litografias imprimirem bem qualquer fotografia ou desenho" de cariz anunciativo ou de cliché publicitário (Jaime Martins Barata, s/d; 4). O diretor de arte lembra a titulo de "mau" exemplo uma emissão chinesa da década de 60, alusiva à criação de porcos (Figura 32). O mesmo autor afirma que o Selo deve ser digno, mas coloca-se a questão de como se alcança a dignidade. A resposta é possível a partir de uma ordem lógica: primeiro através do tema e depois através da execução. Em muitas das críticas realizadas em algumas emissões, a produção é sempre ignorada, a origem de uma má emissão não provém única e exclusivamente da composição gráfica mas por vezes dos meios técnicos disponíveis ou selecionados para sua concretização. Por exemplo, durante a prática de processos de gravura manual muitas das distorções do desenho original eram provenientes das interpretações do gravador e dos ajustes finais.



Figura 33 Liu Shuoren (1960) Pig Breeding [Imagem Online]

Também o belo se reconhece a partir da "beleza da grafia" (idem; 6), das soluções que se encontram para determinada temática em função da diversidade seguinte. Sob a direção de Arte do ilustre Jaime Martins Barata (entre a década de 40 a 60) procurou-se a inovação e a multiplicidade no recrutamento de artistas e nas técnicas. Os primeiros selos em Portugal apresentavam uma variedade estética reduzida e existindo pouca flexibilidade técnica, o seu aspeto em geral era exageradamente ornamentado e característico da sociedade da época industrial flamejante. Mas nos anos 40 o despojamento e a força gráfica rompem com as formas clássicas características do selo português. A crescente evolução das tecnologias gráficas foram de certo modo responsáveis e exigentes do desenvolvimento do gosto, suscitando assim novas formas de tratar e criar narrativas visuais do Selo.

CAPÍTULO VI

ESTUDO DE CASO

ANÁLISE QUALITATIVA DOS ELEMENTOS: DÉCADA DE 45 A 60

Estudados os fundamentos do selo postal mediante uma abordagem do seu contexto funcional, propagandístico e dos elementos que o constituem semioticamente como signo da nação, terão estes a mesma estrutura comparativamente à primeira consultoria artística?

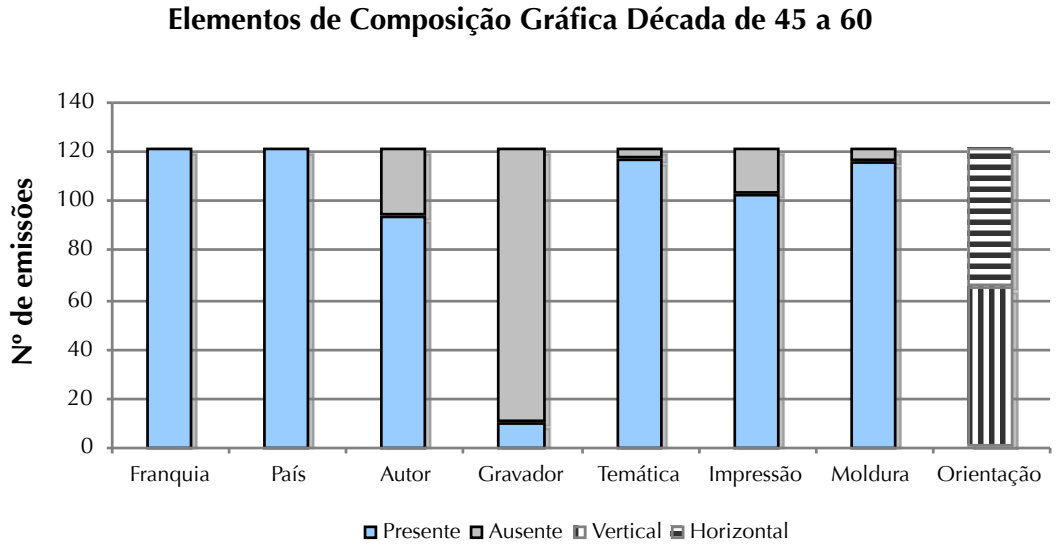


Gráfico 2 Modo de composição gráfica no selo postal nacional entre 1945-1960

Segundo parâmetros de avaliação qualitativos, serão agora analisadas de forma visual aproximadamente todas as emissões entre as décadas de admissão de Jaime Martins Barata no cargo de consultor artístico dos CTT. Este estudo de caso compreende um total de 121 selos postais emitidos entre as décadas de 40 e 60, sob a orientação de um grande artista, pintor e colaborador frequente dos correios nacionais da época. Através da referência máxima neste projeto e no trajeto histórico filatélico poderá o estudo auxiliar de forma comparativa a análise entre as épocas referidas e a atualidade.

Os parâmetros de avaliação são os seguintes: Franquia, País, Autor, Gravador, Temática, Impressão, Moldura e Orientação – avaliados segundo Presente e Ausente em cada composição gráfica, exceptuando a Orientação que se classifica segundo Vertical ou Horizontal. No eixo dos (XX) encontram-se os elementos de avaliação numa emissão e no eixo dos (YY) o número de emissões.

O gráfico acima apresentado foi obtido a partir do ano 1945 devido ao facto do consultor a artístico de referência ter ingressado os correios nacionais a partir do ano 1947.

Nos primeiros dados em coluna é possível observar que os dados referentes à Franquia e o País são predominantes em todas as emissões analisadas. Conclui-se que é naturalmente associável à componente funcional do objeto pois, sendo um suporte nacional e internacional, são elementos base à franquia e à identificação do serviço. Também a temática e a impressão são bastante frequentes na composição gráfica.

Num período em que os processos de gravura caiem em desuso em função do aparecimento da impressão em Offset é comprovável a ausência do gravador como elemento a introduzir numa emissão. Contudo, numa perspectiva detalhada de cada década (presente no Apêndice A), também possível observar que a referência do gravador sempre foi pouco assumida como parte da autoria filatélica. Quanto à orientação é possível observar que maioria das composições artísticas são concretizadas verticalmente ainda que por pouca margem.

ANÁLISE QUALITATIVA DOS ELEMENTOS: 1ª DÉCADA DE 2000

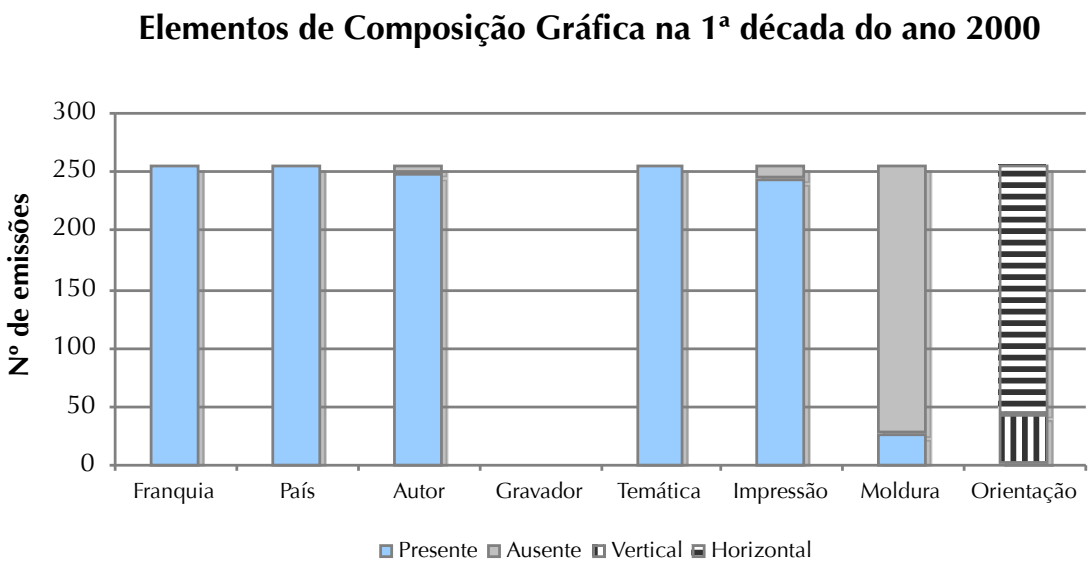


Gráfico 3 Modo de composição gráfica no séc. XXI

No gráfico apresentado é possível observar a permanência dos elementos de franquia, como o valor facial e o país, bem como o Autor. Na década em estudo é também visível a ausência nas composições gráficas do elemento referente ao Gravador.

Elementos como a temática e a impressão são tão predominantes como os componentes de origem do selo postal. O gráfico demonstra a diminuição do uso da tradicional moldura branca e um crescente e predominante uso da orientação horizontal.

PRINCIPAIS CONCLUSÕES DO ESTUDO DE CASO

Comparando agora um conjunto de décadas que se caracterizaram identicamente por novas apostas em formas de comunicação e promoção da filatelia, é possível observar a coerência dos parâmetros de franquia, do país, do autor e da temática. Comprovando graficamente desde o ano 2000 até 2009, excetuando alguns casos como as emissões do Euro 2004, os elementos de autoria e de referência comemorativa são componentes imprescindíveis ao reconhecimento visual e representativo do assunto apresentado no Selo bem como o local de impressão. No novo milénio é praticamente impensável o uso dos métodos de gravura por se considerarem processos de menor rapidez em relação aos atuais, extinguindo-se assim a profissão de gravador no âmbito da filatelia.

Com a exclusão quase total da moldura branca a gestão do espaço de elementos tipográficos conquista mais oportunidade de exploração e manuseio. A moldura, como estrutura semiótica base do Selo Postal, teve como primeiro objetivo implementar uma margem de separação entre recorte/picote de selos numa mesma folha. Contudo, mais tarde tornou-se marca evidente do selo postal (e não de uma vinheta) com associação à cor branca. Hoje com diferentes tipos de picote é possível alargar a composição gráfica até aos seus limites sem problemas de separação, mas tenderá o Selo a perder uma característica base de origem? O gráfico apresenta-nos ainda um número curto de emissões que apresentam essa componente, correspondente a 25 emissões num total de 254 selos.

Por fim um dos aspectos também característicos da composição gráfica é orientação do formato. O Selo foi projetado inicialmente na orientação vertical e por largos anos foi essa a tendência elegida, contudo no ano de 2000 os criadores optam pela posição visual horizontal, como pode demonstrar a gráfico 3. Supõe-se, por associação à ausência de moldura, que assim faculte mais espaço de composição visual para o artista.

Concluindo, o presente estudo pretendeu comparar a estrutura visual de dois períodos distintos (principalmente em liberdade artística e em métodos de produção gráfica) de forma a compreender se o Selo Postal é estruturado atualmente de forma criteriosa através da referência de Jaime M. Barata. Algumas conclusões revelaram prenúncios das novas gerações de selos postais, contudo, não é possível analisar cada emissão de forma particular quanto à sua expressão visual. A cor, a tipografia e as suas dimensões são opções particulares de cada artista/designer consoante o tema que a sua composição celebra. Mas apesar dos elementos de franquia continuarem exemplarmente presentes no Selo, um dos aspectos a realçar, é o crescente efeito de absorção que as composições visuais tendem sobre estes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> **O Mestre gravador Aquiles Ouvré (1948; 10-11) diz-nos que cada arte "tem as suas leis, as suas tradições, as suas convenções, digamos o seu estilo definido, o qual provém da técnica em que ela é executada. (...) A sua convenção, o seu objecto, a sua técnica, partem do primeiro sinete postal.".**

Ora, se o Selo provém expressivamente das suas técnicas e foi tomando parte dos novos indícios tecnológicos, como por exemplo os seus sistemas de impressão em cilindro ou os novos processos de design digitais, é possível compreender a diferença da expressão visual entre o seu começo e a atualidade. É evidente que o seu aspecto de nota de banco desaparecera pois a técnica, que manifesta a sua origem e do qual resulta a sua expressão visual original, deixou de ser aplicada. Não se quer dizer com isto que as técnicas originais deviam permanecer intactas até aos dias de hoje, mas apenas se conclui que a sua expressão é reflexo dos processos atuais.

São por isso notórias as alterações que ocorreram no seu processo de design ao longo do tempo, isto é, os métodos de conceptualização e desenho digitais fizeram com que se substituísse a linguagem própria do traço gravurista pelo vector digital e os métodos fotográficos diretos que nada acrescentam e representam fielmente apenas o que se retrata.

Os métodos foram constantemente reorganizados mas o processo de conceptualização ou construção da ideia inicia-se naturalmente pelo desenho, quer seja manual ou digital. Apenas podemos concluir que o processo de arte final teve diversos procedimentos conforme a técnica de impressão aplicada.

A evolução da composição gráfica do Selo está diretamente relacionada com os acontecimentos históricos e sociais traduzindo portanto os períodos pelo qual o país e a nação passaram. A monarquia simboliza um trono, uma coroa, um rosto e assim o comprovamos com a implementação da franquia postal em Portugal em 1853 que se instala com a efígie da rainha Vitória e que representou também a sua descendência. A República inicia-se depois com a exaltação histórica (como por exemplo: os Descobrimentos) e "Com o realismo literário e plástico da época perde-se pouco a pouco o caráter simbólico e heráldico que tinha (...) [tomando] a forma de representações naturalistas." (Jaime M. Barata: 1953; 147)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O regime e a crise socioeconómica permanecem nos selos nacionais com mensagens e valores de caráter ideológico, com figuras patrióticas e com a propagação do património. E, em paralelo, com o avanço tecnológico, social e cultural o Selo Postal atingiu a multiplicidade imagética à medida que se introduziram e se exploram diferentes formas de expressão, cor, dimensão e textura. Foi a exploração tecnológica que permitiu esse avanço. A gravura manual foi gradualmente substituída pelo progresso dos processos fotomecânicos modernos favorecendo assim o aumento exponencial de emissões. As opções cromáticas foram também beneficiadas por estes pois o método tipográfico primário permitia inicialmente apenas uma cor. A Litografia, a Talhe-doce, a Heliografia e o Offset foram os processos aplicados às emissões descendentes do processo tipográfico. As características expressivas e visuais de cada uma delas fizeram com que se rotulassem de processo aristocrático, económico ou comercial mediante o tipo de comemoração ou emissão a realizar-se. Ou seja, era utilizada uma determinada técnica mediante a sua riqueza de expressão e a relevância da emissão, quanto maior fosse a importância melhor era o método de impressão utilizado.

Numa época em que é possível alternar a escolha de métodos podemos referir através de uma comunicação escrita de Jaime Martins Barata para o Correio-Mor, em 1961, em que são mencionadas as qualidades de cada uma, referindo-se em primeiro lugar aos maus resultados da técnica tipográfica considerando a sua utilização tardia. A Talhe-doce é elegida como processo "nobre de excelência" que evita a vulgaridade em relação aos métodos fotográficos. Para obter uma emissão com "esbatidos de grande suavidade e cores de grande esplendor" o processo de Heliogravura ou Rotogravura é o indicado e, por fim, considera a Litografia em Offset como o processo mais económico do qual é possível obter resultados bastante asseados.

No gráfico elucidativo dos Utilização dos Métodos de impressão ao longo do tempo podemos comprovar a utilização do método tipográfico até ao ano de 1940. O processo litográfico e heliográfico eram utilizados esporadicamente. De seguida com o crescimento exponencial de emissões o processo de offset torna-se o mais utilizado. E apesar do processo da talhe-doce apresentar baixos números de emissões ao longo tempo, é o processo que apresenta uma utilização mais regular para décadas em que coexistem todos os processos, intuindo-se assim a sua utilização regular para emissões importantes.

A partir da revolução de 74' é incitada uma consciência social pela educação e pelos valores ambientais, os acontecimentos mundiais, dos rostos da história e do presente. Deixam de existir diferenças de utilização entre os processos de impressão passando a ser mais usado o método universal e rápido - o Offset. Hoje este processo é utilizado em todo o tipo de celebrações, mais e menos importantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender estruturalmente os componentes que constituem este objeto, foi realizado um pequeno estudo semiótico de modo a compreender que elementos, como o picote e a introdução de uma sistema de cor, que representem o seu emissor são extremamente importantes na definição de expressão visual do país. O Selo apresenta atualmente cinco elementos que elucidam o serviço, o país, a temática, a autoria e a impressão, contudo, os elementos obrigatórios para a concretização do serviço de franquiar, são apenas o valor facial e o nome do país.

Segundo a estrutura semiótica base que o torna o Selo Postal signo, Portugal adoptou a mesma "fórmula" estrutural mas não criou um sistema base de cor que nos identificasse, por exemplo, em emissões base. Já em relação ao picote, o país manteve o mesmo sistema de picotes até que introduziu no Selo nacional (em 2007) a Cruz de Cristo que cria um vínculo entre a história portuguesa e a inovação no acabamento e na segurança deste objeto, tornando-o tipicamente português.

Ainda na sua estrutura, um dos aspectos que se nota clara mudança é a moldura branca. Recorrendo ao estudo de caso realizado em duas décadas diferentes, é possível observar a mudança que provocou praticamente a extinção da mesma. Apesar disso, um dos aspetos a realçar deste estudo de caso é a permanência da intenção de retirar o máximo de dados das composições visuais, mas considera-se indissociável a análise de dados inteiramente visuais e de registos expressivos diferentes oriundos de uma proposta temática específica e de meios sociais e políticos distintos. Deste modo, julga-se subjetiva a análise de arte e das opções tipográficas presentes nas composições no Selo Postal. Contudo coloca-se a questão, as composições visuais evocaram mais espaço para a construção da expressão celebrativa, mas não terá esta ausência efeito de absorção sobre a própria Tipografia?

O autor de referência máxima deste projeto tem opiniões muito próprias de uma época em que se perpetua a funcionalidade dos objetos, principalmente este – o Selo Postal. Por isso após uma opinião direcionada para os resultados das técnicas produtivas também se questionou de que forma é conseguido o rigor e a dignidade filatélica. Jaime M. Barata (1953; 140-143) descreve-nos da melhor forma, dizendo:

> *"Os melhores selos inspiraram-se nos modelos clássicos da numística e da esfragística . (…) Forçado a ser sintético pelo espaço e pelas exigências da fabricação que muitas vezes não perdoa os empastamentos nos traços muito próximos a que leva a qualquer preocupação excessiva de pormenor, o desenho dum selo tira dessas características a sua particular nobreza. (...) O Selo postal é um recibo e representa valor. Parece claro – e isso está assente entre os melhores autores de desenhos – que a taxa e o nome do país emissor devem ser evidentes no desenho do selo e constituir elementos primários de composição, como nas medalhas, nos selos da esfragística e nas letras iluminadas, onde a figura é um comentário à legenda – e não como nas ilustrações onde a legenda é um comentário da figura.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

>

O Selo do correio é coisa «funcional» - tem uma função definida que não pode submeter-se a fantasias e caprichos. É um documento cuja leitura deve ser fácil e rápida, na manipulação febril duma expedição postal. Quando se afasta desse caminho e, a pretexto de variação, nas mostras de coleções de cogumelos, de insetos ou de outros bichos ou plantas, e para mais com sacrifício da clareza da leitura das legendas e das taxas o selo perde dignidade e parenta-se imediatamente com qualquer pequena vinheta ou rótulos comercial."

Com a atualidade fortalece-se a inovação, o conceito e o espelho das sociedades. E se, como nos diz Eugène Vaillé (1962;) em que o Selo é o espelho do mundo, então o Selo acompanhou verdadeiramente as sociedades ao longo do tempo. A fórmula do selo permanece igual desde que Sir Rolland a criou e por isso estão detalhadamente caracterizadas e registadas as mudanças deste objeto em si próprio. Contudo, num milénio em que o selo parece tornar-se peça de álbum, será que o facto de este se ter transformado num objeto admirável o faz cada vez menos funcional? Tornar-se-á obsoleto nas gerações futuras? Numa década em que se iniciava o impulso de colecionismo, Jaime M. Barata (1948; 17), refere de forma bastante atual que "No tempo de Sir Rowland Hill recebiam-se mensagens sem pagar as taxas. Agora muitos milhões de pessoas pagam taxas – sem mandar correspondência."

O futuro das comunicações escritas parece estar, em parte, comprometida pelas novas tecnologias mas "Quando a tecnologia estende ou prolonga um dos nossos sentidos, a cultura sofre uma transposição tão rápida quão rápido for o processo da nova tecnologia." (Marshall McLuhan: 1972; 60).

Arrisco-me assim a dizer, que a cultura do selo postal irá permanecer com o apoio e interesse de projetos como este e como os que podem ainda ser feitos, de modo a alargar o conhecimento sobre este objeto centenário. Para tal posso sugerir estudos no âmbito de erros ou provas de selos postais; formatos irregulares e suportes de papel díspares; e Tipografia nos selos postais portugueses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV. (1953), 100 Anos do Selo do Correio Português 1853-1953. Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones.

(2010), Originais de Selos: 100 da República. Academy Editions

AFINSA. (2013), Selos Postais e Marcas Pré-adesivas – Portugal, Açores, Madeira 2000-2013. 29º Edição, Portugal.

ANCIÃES, A. et al. (2010), Comunicar na Républica – 100 Anos de Inovação e Tecnologia. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações.

CARMO, Nádia. (2011) Design de Série de Selos: Espécies cinegéticas de Portugal. Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura.

CARDOSO, Eugène. (1983), A Filatelia Temática – História, Aspectos e Regras. Edição de Autor, Lisboa.

CARDOSO, Eugène. (1989), 100 Selos Famosos e 50 Curiosidades do Mundo dos Selos. Lisboa: Edição de Autor.

CARDOSO, Eurico. (1984), Os Correios, os Selos e a Filatelia. Lisboa: Edição de Autor.

CARDOSO, Eurico. (1998), Princípios Básicos da Filatelia. Lisboa: E.C.E.L. CTT, Centro de Documentação e Informação.

CAURAUT, Jacqueline. (1987), ABC da Filatelia. Colecção de Cultura e Tempos Livres. 2ª Edição. Editorial Presença/ Martins Fontes

EDITORIAL VERBO (2004). In: Guedes, João Miguel (Dir. Ed.). A Enciclopédia, Vol. 18, Nº de edição 2886. Editorial Verbo S.A com Jornal Público. Espanha: sucessores de Rivadeneyra, S.A. (pp. 7854)

FOLK DESIGN (2012). Emissão Conjunta Portugal Brasil in CTT Correios de Portugal (2012). APOSTA Nº110, Publicação Mensal gratuita. Lisboa: Peres SOCTIP, p.41

FRAGOSO, António. s.d. Os Precursores dos Selos Postais Portugueses - Capítulo I. Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones

Pref. Luiz Duran. (2006), Desenhos originais de Selos Portugueses. Edição Limitada. Fundação Portuguesa das Comunicações. ISBN 978-972-8724-33-7

MARTINS BARATA, Jaime. (s/d), Minuta – Algumas Considerações sobre o Selo do Correio. Espólio autorizado pelos CTT Correios de Portugal. Fundação Portuguesa das Comunicações.

MARTINS BARATA, Jaime. (1948), Palestra Profissional nº34: Como se Faz um Selo Postal. Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones – Portugal

MARTINS BARATA, Jaime. (1959), Comunicação interna ao Correio-Mor, [Carta]. Administração Geral dos Correios, Telégrafos e dos Telefones, Cart nº 120/A/2/8. Consultada a: 24/05/2013. Fundação Portuguesa das Comunicações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTINS BARATA, Jaime Pedro. (2003), O Elogio do Selo 1853-2003 – 150 Anos do Selo Postal Português. CTT Correios de Portugal

MARTINS, Jaime Pedro. (2007), O Selo ao Alcance de todos in APOSTA nº50. Lisboa: CTT – Correios de Portugal, S.A. pp. 14-15.

MCLUHAN, Marshal. CARVALHO, Leônidas e TEIXEIRA, Anísio (trad.). (1972), A Galáxia de Gutenberg – A Formação do Homem Tipográfico. Volume 19. Brasil: Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo.

MOREIRA, Raúl. (2013), Memorando de 21 de Abril de 2010: Formalismos associados às Emissões de Selos em Portugal [Online] Enviado a: 8 de Abril de 2013. Avaliable form: marinaalexandra@hotmail.com

MOZ, Raquel. (2012), "A espantosa realidade das coisas" in Aposta nº110. Lisboa: CTT – Correios de Portugal, S.A. pp. 38-41.

CARMO, Nádia. (2011) Design de Série de Selos: Espécies cinegéticas de Portugal. Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitetura.

NETO, Margarida Sobral Coord. et al. (2005), As Comunicações na Idade Moderna. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações.

OUVRÉ, Aquiles. (1948), Palestra Profissional nº45: A Estética do Selo Postal. Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones - Portugal

STRAT DESIGN (s/d). "A Espantosa Realidade das Coisas" [Infografia] in CTT Correios de Portugal (2012). APOSTA Nº110, Publicação Mensal gratuita. Lisboa: Peres SOCTIP, p.39

SCOTT, David. (1995a), European Stamp Design: A Semiotic Approach to Designing Messages. First published, Great Britain: Academy Editions Ltd.

SCOTT, David. (1995b), Indexical/iconic tensions: the semiotics of the postage stamp in Winfried Noth (ed.), Semiotics of the media – State of the art, projects, and perspectives, (1997), Berlin: Mounton de Gruyter, pp. 192-201.

VAILLÉ, Eugène. (1962), História Breve do Selo Postal: Capítulo Nono – A Fabricação do Selo. Trad. Manuel de Seabra e António Evangelista, com Capítulo referente a Portugal por João Alfaia. Editorial Verbo lda, Lisboa.

VAILLÉ, Eugène. (1962), História Breve do Selo Postal: Capítulo Décimo – A Estética do Selo. Trad. Manuel de Seabra e António Evangelista, com Capítulo referente a Portugal por João Alfaia. Editorial Verbo lda, Lisboa.

WILLIAMS, L. N. & M. (1956), A Filatelia – História e Iniciação. Trad. Daniel Gonçalves. Lisboa: Editorial Ulisseia.

REFERÊNCIAS ONLINE

"Sua Ideia poe virar Selo" na Promo dos Correios. Promoview.com.br site [Online] Postado a 18 de Março de 2013. Disponível em: http://promoview.com.br/hotsite/274254-sua-ideia-pode-virar-selo-com-os-correios/ [Consultado a 21, Agosto, 2013]

BARATA, Jaime M. (1947), Palestra profissional dos CTT nº 34: Como se faz um Selo Postal. Acedido a 19, Novembro, 2012, em: http://jaimemb.no.sapo.pt/index.html

Clube Nacional de Filatelia [Consultado 19, Novembro,2012 http://www.filatelicamente.online.pt/index.html

CTT. Glossário. Consultado a 19, Novembro, 2012, em: http://www.ctt.pt/fectt/wcmservlet/ctt/particulares/coleccionismo/filatelia/glossario.html

FILATELIA PORTUGUESA [Consultado 19, Novembro,2012] http://www.filateliaportuguesa.com/

Fundação Portuguesa das Comunicações – Museu das Comunicações [Consultado a 13, Novembro, 2012] www.fpc.pt/, http://bh1.fpc.pt:8080/MatrizWeb/Objectos/ObjectosFiltrarADV.aspx

Ícone. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em: http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/%C3%8Dcone. [Consultado a: 2013-08-28].

JAIME MARTINS BARATA [Consultado 19, Novembro,2012] http://jaimemb.no.sapo.pt/index.html

LIU SHUOREN (1960) Pig Breeding [Imagem Online]. Disponível em: http://www.xabusiness.com/china-stamps-1960/s40.htm [Acedido a: 03/07/2013]

MALUDA (1985). Quiosques de Lisboa [Imagem Online]. Disponível em: http://www.filatelia.com.pt/html/product_detail__q1idobj_--_3D10642__--_3D_l_--_3DPT__q20__q30__q41__q5.htm [Acedido a: 28/08/2013]

MCLARA. (2012), Em 2013, sua ideia pode virar selo! Correios.com.br weblog [Online] Publicado a 11 de Maio de 2012. Disponível em: http://blog.correios.com.br/filatelia/em-2013-sua-ideia-por-virar-selo/ [Consultado a 21, Agosto, 2013]

MOREIRA, Raúl. (2012), Realidade Aumentada em Produtos Filatélicos, [Online]. Disponível em: http://www.ctt.pt/fectt/wcmservlet/ctt/particulares/coleccionismo/filatelia/Realidade_Aumentada.html. [Consultado a 3, Junho, 2013]

NÖTH, Winfried, Ed. (1997). Semiotics of Media - State of the Art, Projects and Perspectives, [On-line]. New York: Mounton de Gruyter. Disponível em: http://books.google.pt/books?id=2Zk_Meiva7MC&pg=PA191&dq=david+scott,+indexical/iconic+tensions&hl=pt-PT&sa=X&ei=LOYfUrCRMsGj0QWzvoEQ&ved=0CDoQ6AEwAA#v=onepage&q=david%20scott%2C%20indexical%2Ficonic%20tensions&f=false [Consultado a 13, Agosto, 2013]

Símbolo e Signo (semiótica). In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em: http://www.infopedia.pt/$signo-(semiotica). [Consultado a: 2013-08-28].

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUADRO 1 – ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO GRÁFICA NA 2ª METADE DA DÉCADA DE 40 (1945-1950)

Ano	*Nome da Emissão*	*Franquia*	*País*	*Autor*	*Gravador*	*Impressão*	*Temática*	*Orientação*	*Moldura*
1945	Navegadores Portugueses	•	•	•	-	-	•	VT	•
1945	Presidente Carmona	•	•		-	•	-	VT	•
1945	1º Centenário da Escola Naval	•	•	•	-	-	•	VT	•
1946	Castelos de Portugal	•	•	•	-	•	•	HT	•
1946	1º Centenário do Banco de Portugal	•	•	•	•	-	•	HT	•
1946	3º Centenário da Proclamação da Padroeira de Portugal	•	•	•	-	•	•	VT	•
1947	Costumes Portugueses (2ª Emissão)	•	•	•	-	•	•	VT	•
1947	8º Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros	•	•	•	•	-	•	HT	•
1948	3º Centenário do Nascimento de S. João de Brito	•	•	•	•	-	•	VT	•
1948	Exposição de Obras Públicas e Congressos Nacionais de engenharia e Arquitectura	•	•	•	•	-	•	HT	•
1948/49	Caravela. Novos Valores e Cores	•	•	•	-	•	-	VT	•
1949	Avis	•	•	•	-	•	•	VT	•
1949	16º Congresso Internacional de História da Arte	•	•	-	-	-	•	VT	•
1949	75º Aniversário da União Postal Universal	•	•	•	•	-	•	VT	•

QUADRO 2 – ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO GRÁFICA NA DÉCADA DE 50

Ano	*Emissão*	*Franquia*	*País*	*Autor*	*Gravador*	*Impressão*	*Temática*	*Orientação*	*Moldura*
1950	Ano Santo	•	•	-	-	-	•	VT	-
1951	4ª Centenário da Morte de S. João de Deus	•	•	•	•	-	•	VT	•
1951	1º Centenário do Nascimento de Guerra Junqueiro	•	•	•	-	•	-	VT	•
1951	3º Congresso Nacional de Pesca	•	•	•	-	•	•	VT	•
1951	Encerramento do Ano Santo	•	•	- -	- -	•	•	HT	•
1951	5º Centenário do Povoamento da Ilha Terceira	•	•	-	-	•	•	HT	•
1951	25º Aniversário da Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926	•	•	•	-	•	•	HT	•
1952	Museu Nacional dos Coches	•	•	•	-	-	•	HT	•
1952	3º Aniversario da OTAN	•	•	•	-	•	•	VT	•
1952	8º Campionato do Mundo de Hóquei em Patins	•	•	-	-	•	•	HT	•
1952	1º Centenário do Nascimento do Prof. Doutor Gomes Teixeira	•	•	-	-	•	•	VT	•
1952	1º Centenário do Ministério das Obras Públicas	•	•	-	-	•	•	HT	•
1952	4º Centenário da Morte de São Francisco Xavier	•	•	•	•	-	•	HT	•
1952	Selo de Autoridade de D. Dinis	•	•	-	-	-	-	HT	-

1953	14º Aniversario da Chegada à Península de S. Martinho de Dume	•	•	•	-	•	•	VT	•
1953	1º Centenário do Nascimento de Guilherme Gomes Fernandes	•	•	•	-	•	•	VT	•
1953	Cinquentenário do Automóvel Clube de Portugal	•	•	•	-	•	•	HT	•
1953	5º Centenário do Nascimento da Princesa Santa Joana	•	•	-	-	•	•	VT	•
1953	1º Centenário do Selo Postal Português	•	•	-	-		•	HT	•
1953	150º Aniversário da Fundação da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda	•	•	-	-	•	•	HT	•
1954	Campanha de Educação Popular	•	•	-	-	•	•	HT	•
1954	150º Aniversário da Fundação do Colégio Militar	•	•	•	-	•	•	VT	•
1954	4º Centenário da Fundação da Cidade de S. Paulo	•	•	-	-	-	•	VT	•
1954	Reis de Portugal da 1ª Dinastia	•	•	•	-		•	VT	•
1955	1º Centenário do Telégrafo Eléctrico em Portugal	•	•	•	-	•	•	VT	•
1956	1º Centenário do Nascimento do Prof. Doutor Ferreira da Silva	•	•	•	-	•	•	VT	•
1956	1º Centenário dos Caminhos de Ferro em Portugal	•	•	•	-	•	•	HT	•
1956	Dia da Mãe	•	•	-	-	•	•	VT	•
1957	Almeida Garret	•	•	-	-		•	HT	•

1957	Cesário Verde	•	•	•	-	•	•	VT	•
1958	Participação de Portugal na Exposição de Bruxelas	•	•	-	-	-	•	VT	-
1958	Rainha Santa Isabel e São Teotónio	•	•	-	-	•	•	VT	•
1958	Sextos Congressos Internacionais de Medicina Tropical e de Paludismo	•	•	-	-	•	•	HT	•
1958	2º Congresso Nacional da Marinha Mercante	•	•	•	-	•	•	HT	•
1958	5º Centenário da Rainha D. Leonor	•	•	•	-	•	•	HT	•
1959	Milenário e Bi-Centenário de Aveiro	•	•	-	-	•	•	HT	•

QUADRO 3 – ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO GRÁFICA NA DÉCADA DE 60

Ano	*Emissão*	*Franquia*	*País*	*Autor*	*Gravador*	*Impressão*	*Temática*	*Orientação*	*Moldura*
1960	10º Aniversário da OTAN	•	•	•	-	•	•	VT	•
1960	Ano Mundial dos Refugiados	•	•	•	-	•	•	VT	•
1960	Cinquentenário do Aéreo Clube de Portugal	•	•	-	-	•	•	HT	•
1960	4º Centenário da Fundação da Universidade de Évora	•	•	•	-	•	•	VT	•
1960	Padre Cruz	•	•	-	-	•	•	HT	•
1960	5º Centenário da Morte do Infante D. Henrique	•	•	•	-	•	•	VT	•
1960	5ª Exposição Filatélica Nacional	•	•	•	-	•	•	HT	•
1960	Cinquentenário da República	•	•	•	-	•	•	HT	•
1961	1º Centenário da Fundação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa	•	•	-	-	-	•	HT	•
1961	1º Centenário da Elevação de Setúbal à categoria de Cidade	•	•	•	-	•	•	HT	•
1961	Europa CEPT	•	•	•	-	•	•	VT	•
1962	8º Centenário da cidade de Tomar	•	•	•	-	•	•	VT	•
1962	Cinquentenário da Guarda Nacional Republicana	•	•	•	-	•	•	VT	•
1962	Arcanjo São Gabriel	•	•	•	-	•	•	VT	•

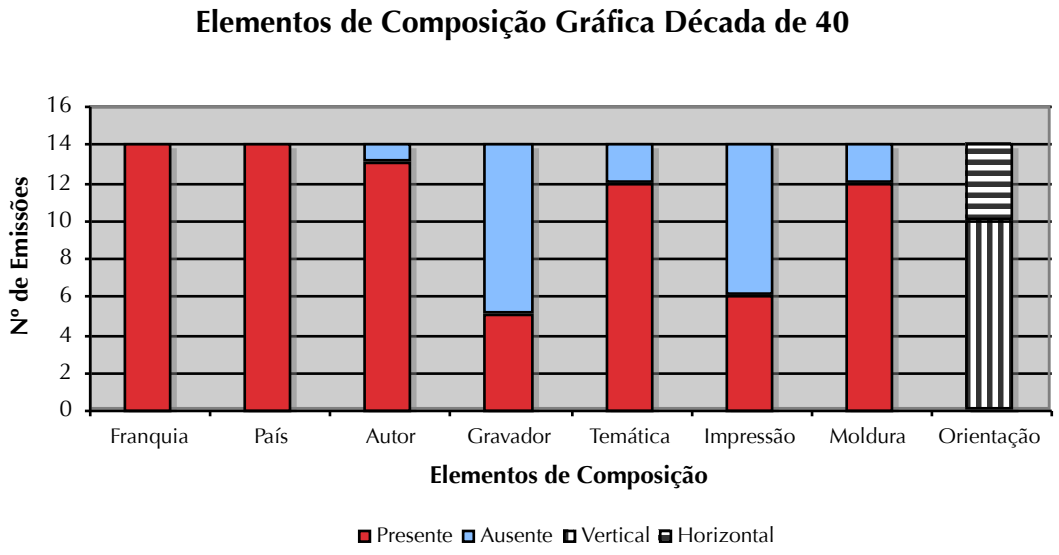
1962	18º Conferência Internacional de Escutismo	•	•	•	-	•	•	HT	•
1962	10º Congresso Internacional de Pediatria	•	•	•	-	•	•	HT	•
1962	Europa CEPT	•	•	•	-	•	•	HT	•
1962	8º Dia do Selo	•	•	•	-	•	•	VT	•
1963	Dupla Vitória do Sport Lisboa e Benfica na Taça dos Clubes Campeões Europeus	•	•	•	-	•	•	VT	•
1963	Campanha Mundial Contra a Fome	•	•	•	-	•	•	HT	•
1963	Conferência Postal Multilateral de Paris	•	•	•	-	•	•	HT	•
1963	3º Centenário da Morte de S. Vicente Paulo	•	•	-	-	•	•	VT	•
1963	8º Centenário da Ordem Militar de Avis	•	•	•	-	•	•	HT	•
1963	Europa CEPT	•	•	•	-	•	•	HT	•
1963	10º Aniversário da TAP	•	•	•	-	•	•	HT	•
1964	4º Centenário da Publicação em Goa dos "Colóquios dos Simples e Drogas" do Garcia d'Orta	•	•	•	-	•	•	VT	•
1964	1º Centenário do Banco Nacional Ultramarino	•	•	•	-	•	•	VT	•
1964	1º Centenário do Sameiro	•	•	•	-	•	•	VT	•
1964	Europa CEPT	•	•	-	-	•	•	VT	•
1964	Anos Internacionais do Sol Calmo (1964-1965)	•	•	•	-	•	•	VT	•
1964	Jogos Olímpicos Tóquio 1964	•	•	•	-	•	•	HT	•

1964	1º Centenário do Diário de Notícias	•	•	•	-	•	•	VT	•
1965	1º Congresso Nacional de Trânsito	•	•	•	-	•	•	HT	•
1965	5º Centenário da Cidade de Bragança	•	•	•	-	•	•	VT	•
1965	9º Centenário da Tomada Definitiva aos Mouros da cidade de Coimbra	•	•	•	-	•	•	VT	•
1965	1º Centenário da União Internacional das Telecomunicacões	•	•	•	-	•	•	HT	•
1965	Calouste Gulbenkian	•	•	•	-	•	•	HT	•
1965	1º Centenário da Cruz Vermelha Portuguesa	•	•	•	-	•	•	HT	•
1965	Europa CEPT	•	•	•	-	•	•	HT	•
1965	Cinquentenário da Força Aérea	•	•	•	-	•	•	HT	•
1965	5º Centenário do Nascimento de Gil Vicente	•	•	•	-	•	•	VT	•
1965	6º Congresso do Comité Internacional para a Defesa da Civilização Cristã	•	•	•	-	•	•	HT	•
1966	40º Aniversário da Revolução Nacional	•	•	•	-	•	•	HT	•
1966	8º Centenário da Tomada da Cidade de Évora, aos Mouros	•	•	•	-	•	•	HT	•
1966	Inauguração da Ponte de Salazar	•	•	•	-	•	•	HT e VT	•
1966	Europa CEPT	•	•	•	-	•	•	VT	•
1966	Cientistas Portuguesas	•	•	•	-	•	•	VT	•
1966	2.º Centenário do Nascimento de Bocage	•	•	•	-	•	•	VT	•

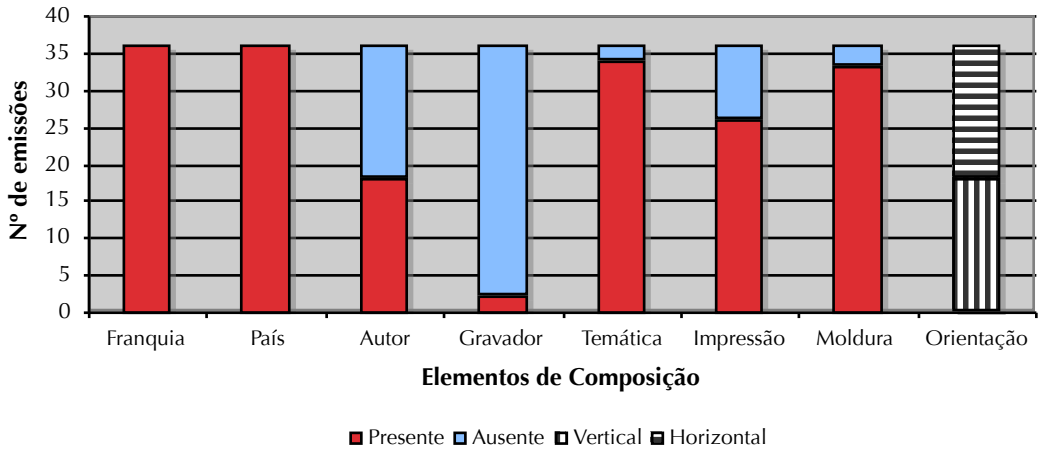
1967	Europa CEPT	•	•	-	-	•	•	VT	•
1966	Cinquentenário das Aparições de Fátima	•	•	•	-	•	•	VT	•
1966	Novo Código Civil Português	•	•	•	-	•	•	VT	•
1966	Inauguração do Estaleiro naval de Lisnave no Porto de Lisboa (Baía da Margueira)	•	•	•	-	•	•	HT	•
1967	6º Congresso Europeu de Reumatologia	•	•	•	-	•	•	VT	•
1967	Estabelecimento da Área de Comércio Livre - EFTA	•	•	•	-	•	•	VT	•
1967	1º Centenário da Abolição da Pena de Morte em Portugal	•	•	•	-	•	•	VT	•
1968	Bento de Goes	•	•	-	•	•	•	HT	•
1968	Europa CEPT	•	•	•	-	•	•	HT	•
1968	30º aniversário da Obra das Mães pela Educação Nacional	•	•	•	-	•	•	HT	•
1968	20º Aniversário da O.M.S.	•	•	•	-	•	•	HT	•
1968	Emissão Alusiva à Madeira	•	•	•	-	•	•	HT	•
1969	5º Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral	•	•	-	•	•	•	HT	•
1969	Europa CEPT	•	•	•	-	•	•	HT	•
1969	2º Centenário da Imprensa Nacional	•	•	•	-	•	•	VT	•
1969	50º aniversário da Organização Internacional do Trabalho	•	•	•	-	•	•	VT	•
1969	2º Centenário da fundação São Diego (Califórnia)	•	•	•	-	•	•	VT	•

1969	1º Centenário do Nascimento de Vianna da Motta	•	•	•	-	•	•	VT	•
1969	1º centenário do Nascimento de Gago Coutinho	•	•	•	-	•	•	HT	•
1969	5º Centenário do Nascimento de Vasco da Gama	•	•	•	-	•	•	VT	•

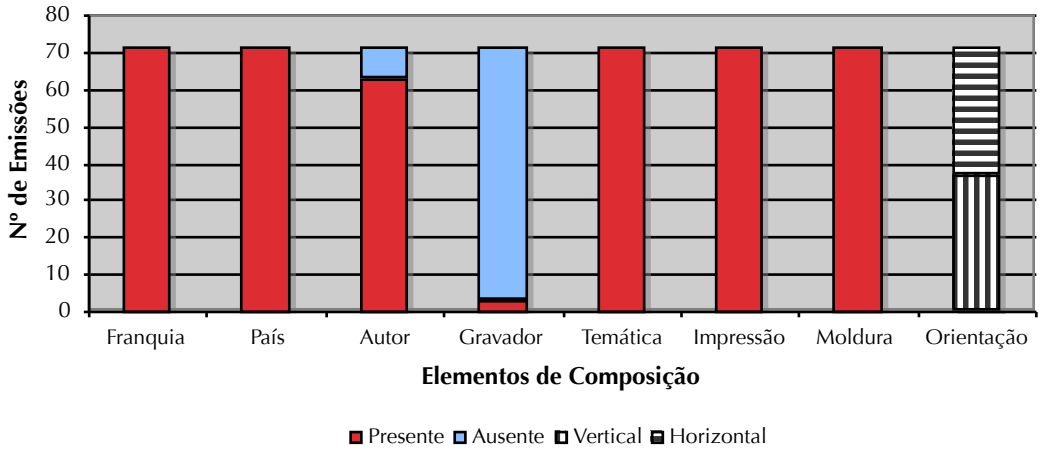
RESULTADOS – ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO GRÁFICA NAS DÉCADAS DE 40, 50 E 60



Elementos de Composição Gráfica Década de 50



Elementos de Composição Gráfica Década de 60



QUADRO 4 – ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO GRÁFICA NA PRIMEIRA DÉCADA DO ANO 2000

Ano	*Emissão*	*Franquia*	*País*	*Autor*	*Gravador*	*Impressão*	*Temática*	*Orientação*	*Moldura*
2000	2000 Anos do Nascimento de Cristo	•	•	•	-	•	•	VT	•
2000	O Século XX em Selos	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	Aves de Portugal Emissão Base (1º Grupo)	•	•	•	-	•	•	HT	•
2000	Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia	•	•	•	-	•	•	HT	•
2000	500 Anos da Descoberta do Brasil	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	Europa 2000	•	•	•	-	•	•	VT	•
2000	Visita a Portugal de Sua Santidade o Papa João Paulo II	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	100 Anos da União Ciclista Internacional	•	•	•	-	•	•	HT	•
2000	Doces Conventuais (2º Grupo)	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	Dia do Pescador	•	•	•	-	•	•	HT	•
2000	Pavilhão de Portugal na Feira de Hannover	•	•	•	-	•	•	HT e Plus	-
2000	25 Anos da Abertura da Assembleia Constituinte	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	Pesca do Bacalhau	•	•	•		•	•	HT	-
2000	Plantas da Floresta Laurissilva da Madeira	•	•	•	-	•	•	HT	-

2000	100 anos da Morte de Eça de Queirós	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	Inauguração do Aeroporto da Madeira	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	Jogos Olímpicos de Sidney 2000	•	•	•	-	•	•	HT	•
2000	O Snoopy nos Correios	•	•	•	-	•	•	HT	•
2000	História do Correio por Bóias e Zepelins nos Açores	•	•	•	-	•	•	VT HT	•
2000	125 Anos da Sociedade de Geografia de Lisboa	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	Vultos da História e da Cultura Portuguesa	•	•	•	-	•	•	HT	•
2000	Campeonato do Mundo de Atletismo de Pista Coberta	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	Aves de Portugal Emissão Base (2º Grupo)	•	•	•	-	•	•	HT	•
2000	A Herança Árabe em Portugal	•	•	•	-	•	•	HT	-
2000	Selar o Futuro – Preservar o Ambiente	•	•	• • •	-	•	•	VT HT HT	-
2000	100 Anos da sociedade Nacional de Belas-Artes	•	•	•		•	•	HT	-
2000	25 Anos da Constituição da República Portuguesa	•	•	•		•	•	HT	-
2000	Europa – Água, Riqueza Natural	•	•	•		•	•	HT	-
2000	Parabéns	•	•	•		•	•	VT	-
2000	Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura	•	•	•		•	•	HT	-

2000	Angra do Heroísmo – Açores Património da Humanidade	•	•	•		•	•	HT	-
2000	150 Anos o Museu Militar	•	•	•		•	•	HT	-
2001	Animais do Zoo de Lisboa	•	•	•		•	•	HT	-
2001	Paisagens e Tradições Madeirenses	•	•	•		•	•	HT	-
2001	Forum Europeu de Lions	•	•				•	HT	-
2001	Pelourinhos de Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2001	2001 – Ano das Nações Unidas para o Diálogo entre Civilizações	•	•	•		•	•	HT	-
2001	200 Anos das Guardas em Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2001	Barcos Históricos (Emissão conjunta com a China)	•	•	•		•	•	HT	-
2002	Euro	•	•	•		•	•	HT	-
2002 2004	Selo sem taxa – Símbolo do euro		•	•		•	-	HT	-
2002	500 Anos do Nascimento de Damião de Góis	•	•	•		•	•	HT	-
2002	Aves de Portugal Emissão Base (3.º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	•
2002	500 Anos do Nascimento de Pedro Nunes	•	•	•		•	•	HT	-
2002	UPAEP – Juventude, Educação, Alfabetismo	•	•	•		•	•	HT	-
2002	Astronomia	•	•	•		•	•	HT	-
2002	Europa 2002 – O Circo	•	•	•		•	•	HT	-

2002	200 Anos do Grande Oriente Lusitano	•	•	•		•	•	HT	-
2002	Flores dos Açores	•	•	•		•	•	HT	•
2002	50 Anos da Força Aérea Portuguesa	•	•	•		•	•	HT	-
2002	Moinhos de vento - Açores	•	•	•		•	•	VT	-
2002	Desporto	•	•	•		•	•	HT	-
2002	WWF – Aves da Madeira	•	•	•		•	•	VT	-
2002	XIII Congresso Mundial de Economia	•	•	•		•	•	HT	-
2002	150 Anos do Minitério das Obras Públicas, Transportes e Habitação	•	•	•		•	•	HT Plus	-
2002	150 Anos do Ensino Técnico em Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2002	Património	•	•	•		•	•	HT e Plus	-
2003	200 Anos do Colégio Militar	•	•	•		•	•	VT	-
2003	Aves de Portugal Emissão Base (4.º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	•
2003	2003 Ano Europeu das Pessoas com Dificiência	•	•	•		•	•	HT	•
2003	150 Anos do Primeiro Selo Postal Português 1853-2003	•	•	•		•	•	HT	-
2003	Orquídeas	•	•	•		•	•	VT	•
2003	Europa – A Arte do Cartaz	•	•	•		•	•	VT	-
2003	História da Advocacia em Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2003	150 Anos do Primeiro Selo Português Viseu	•	•	•		•	•	HT	-

2003	Euro 2004	•	•			-	•	HT	-
2003	Património dos Açores	•	•	•		•	•	HT	-
2003	100 Anos do Automóvel Clube de Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2003	50 Anos da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva	•	•	•		•	•	VT	-
2003	150 Anos do Primeiro Selo Português Faro	•	•	•		•	•	HT	-
2003	Museu da Madeira	•	•	•		•	•	HT	-
2003	150 Anos do Primeiro Selo Português "Selo de 25 Reis, D. Maria II (em relevo"	•	•	•		•	•	HT Plus	-
2003	Experimenta. DESIGN	•	•	•		-	•	Irregular	-
2003	150 Anos do Primeiro Selo Português "Com Holograma"	•	•	•		•	•	HT Plus	-
2003	150 Anos do Primeiro Selo Português Lubrapex 2003	•	•	•		•	•	HT	-
2003	Chafarizes de Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2003	Vidro em Portugal	•	•	•		•	•	VT	-
2003	A Farmácia e o Medicamento	•	•	•		•	•	HT	-
2003	150 Anos do Primeiro Selo Português Porto	•	•	•		•	•	HT	-
2003	Design	•	•	•		•	•	HT VT	-
2003	UEFA Euro 2004	•	•	•		•	•	HT	-

2003	150 Anos do Primeiro Selo Português	•	•	•		•	•	HT Plus	-
2004	400 do Nascimento de D. João IV	•	•	•		•	•	HT	-
2004	Oceanário de Lisboa	•	•	•		•	•	HT	-
2004	UEFA Euro 2004 – A Bola official de jogo	•	•			-	•	Irregular Circular	-
2004	UEFA Euro 2004 "Selecções Participantes"	•	•			-	•	HT	-
2004	Aves de Portugal Emissão Base (5.º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	•
2004	UEFA Euro 2004 "Cidades Anfitriãs"	•	•	•		•	•	HT	-
2004	25 de Abril – 30 Anos de Democracia	•	•	•		•	•	VT	•
2004	Estádios do UEFA Euro 2004	•	•	•		•	•	HT	-
2004	União Europeia	•	•	•		•	•	HT e Plus	-
2004	Europa – Férias	•	•	•		•	•	VT	-
2004	100 Anos da Primeira Linha Telefónica entre Lisboa e Porto	•	•	•		•	•	VT	-
2004	Herança Judaica em Portufal	•	•			-	•	VT	-
2004	Madeira – As Ilhas Selvagens	•	•	•		•	•	HT	-
2004	A Bola Oficial de Jogo do UEFA Euro 2004	•	•			-	•	Irregular Circular	-
2004	Final do UEFA Euro 2004	•	•	•		•	•	HT	-
2004	50 Anos da Federação Portuguesa de Filatelia	•	•	•		•	•	HT	-
2004	50. º Aniversário da UEFA Uma Ocasião para Comemorar	•	•	•		•	•	HT	-

2004	Jogos Olímpicos de Atenas	•	•	•		•	•	HT	•
2004	Jogos Paralímpicos Atenas 2004	•	•	•		•	•	VT	-
2004	Centenário do Nascimento de Pedro Homem de Melo	•	•	•		•	•	HT	-
2004	Inauguração do Museu da Presidência da República	•	•	•		•	•	HT Plus	•
2004	Heróis Portugueses de Banda Desenhada	•	•	•		•	•	HT	-
2004	Viticultura Portuguesa	•	•	•			•	HT	-
2004	Moda Portuguesa	•	•	•		-	•	HT Plus	-
2004	Natal 2004	•	•	•		-	•	HT	-
2005	Mascáras de Portugal Emissão Base e Selos Autoadesivos (1. º Grupo de cada tipo)	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Transportes Públicos	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Aldeias Históricas de Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2005	150 Anos do Nascimento de José Malhoa	•	•	•		•	•	HT	•
2005	Europa – Gastronomia	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Região de Turismo – Açores	•	•	•		•	•	HT	-
2005	100 Anos de Rotory International	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Museu Nacional dos Coches	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Património Cultural do Período Filipino	•	•	•		•	•	VT	-
2005	Caricaturistas Portugueses	•	•	•		•	•	VT	-

2005	Faro, Capital Europeia da Cultura 2005	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Região de Turismo – Madeira	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Região de Turismo – Continente	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Aldeias Históricas de Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Protecção da Natureza – Ambiente	•	•	•		•	•	HT	-
2005	50 Anos da Adesão de Portugal às Nações Unidas	•	•	•		•	•	HT	-
2005	O Sol	•	•	•		•	•	VT	-
2005	Comunicação Social	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Aldeias Piscatóricas (Emissão conjunta com Hong Kong)	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Modernização da Marinha de Guerra	•	•	•		•	•	HT Plus	-
2005	Homenagem a Álvaro Cunhal	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Fundação Serralves	•	•	•		•	•	VT HT	-
2005	250 Anos do Terramoto	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Grandes Clubes de Futebol Centenários Futebol Clube do Porto	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Grandes Clubes de Futebol Centenários Sport Lisboa e Benfica	•	•	•		•	•	HT	-
2005	Grandes Clubes de Futebol Centenários Sporting Clube de Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Todas as Ocasiões	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Máscaras de Portugal Selos Autoadesivos (2. º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-

2006	Flores da Madeira	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Água	•	•	•		•	•	HT	-
2006	500 Anos do Nascimento de São Francisco de Xavier	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Europa – Integração vista pelos Jovens	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Vultos da História e da Cultura (1.º Grupo)	•	•	•		•	•	VT	-
2006	Campeonato da Europa de Sub-21 da UEFA Portugal 2006	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Mozart- 250 Anos do Nascimento	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Campeonato do Mundo de Futebol FIFA Alemanha 2006	•	•	•		•	•	HT	-
2006	A Herança Romana em Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Máscaras de Portugal Emissão Base (2. º GRupo)	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Vinho da Madeira	•	•	•		•	•	HT	-
2006	CPLP – 10 Anos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa	•	•	•		•	•	HT	-
2006	50º Aniversário da Fundação Calouste Gulbenkian	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Açores – Fontes Hidrotermais	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Arquitectura Portuguesa Contemporânea (1.º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-
2006	50 Anos da 1ª Emissão da Televisão em	•	•	•		•	•	HT	-

	Portugal								
2006	250 Anos da Região Demarcada do Douro	•	•	•		•	•	HT Plus	-
2006	Vinho do Pico – Açores	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Pontes Ibéricas (Emissão conjunta com Espanha)	•	•	•		•	•	HT Plus	-
2006	Peixes da Costa Portuguesa	•	•	•		•	•	HT	-
2006	Correio Escolar	•	•	•		•	•	HT	-
2006	1856 – Início do Caminho-de-Ferro em Portugal	•	•	•		•	•	HT	-
2006	500 Anos da Chegada dos Portugueses ao Ceilão	•	•	•		•	•	VT	-
2007	Em busca da Lisboa Árabe	•	•	•		•	•	HT	-
2007	Trajes Regionais	•	•	•		•	•	HT	-
2007	Artistas Portugueses Manuel Cargaleiro (1. º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-
2007	200 Anos dos Tribunais de Contas na Europa	•	•	•		•	•	HT	-
2007	50 Anos da Assinatura do Tratado de Roma	•	•	•		•	•	VT	-
2007	Transportes Públicos Urbanos Emissão Base (1. º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-
2007	Fauna Marinha da Madeira	•	•	•		•	•	HT	-
2007	Barragens Portuguesas	•	•	•		•	•	HT Plus	-

2007	Europa – 100 Anos de Escutismo	•	•	•		•	•	HT	-		
2007	Moinhos de Vento - Açores	•	•	•		•	•	HT	-		
2007	Transportes Públicos Urbanos Selos autoadesivos (1. º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-		
2007	Arquitectura Portuguesa Contemporânea (2. º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-		
2007	Cascais 2007 – Campeonato do Mundo de Classes Olímpicas de Vela	•	•	•		•	•	HT	-		
2007	7 Maravilhas de Portugal	•	•	•		•	•	HT		•	
2007	Museu Colecção Berardo	•	•	•		•	•	VT	-		
2007	Engenhos de cana-de-açúcar da Madeira	•	•	•		•	•	HT	-		
2007	Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.	
2007	Motos	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.	
2007	As novas 7 Maravilhas do Mundo	•	•	•		•	•	HT	-		
2007	Emissão conjunta Portugal - Peru	•	•	•		•	•	HT	-		
2007	Vultos da História e da Cultura (2.º Grupo)	•	•	•		•	•	VT	-		
2007	Apoio à Selecção NAcional de Rugby	•	•	•		•	•	HT	-		
2007	Artistas Portugueses – Nadir Afonso	•	•	•		•	•	HT		•	
2007	A Herança das Américas	•	•	•		•	•	VT	-		
2007	Emissão conjunta Portugal - Marrocos	•	•	•		•	•	VT	-		

2007	Vulcão dos Capelinhos – 50 Anos	•	•	•		•	•	HT	-	
2007	Símbolos da República	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2007	Correio Escolar	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2007	Tapada Nacional de Mafra	•	•	•		•	•	HT	-	
2007	Comunidade Ismaili em Portugal	•	•	•		•	•	HT		•
2007	Sector Corticeiro	•	•	-		-	•	HT	-	
2008	LISBOA – DAKAR, um novo feito dos Portugueses	•	•	-		•	•	HT	-	
2008	200 Anos da Chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil	•	•	•		•	•	HT	-	
2008	Infertilidade	•	•	•		•	•	VT	-	Cruz C.
2008	Ano Internacional dp Planeta Terra	•	•	•		•	•		-	Cruz C.
2008	Judo Euro 2008 - Lisboa	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2008	Funchal 500 Anos	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2008	Vultos da História e da Cultura (3. º Grupo)	•	•	•		•	•	VT	-	Cruz C.
2008	Jogos da XXIX Olimpíada	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2008	Europa - Cartas	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2008	Campeonato Europeu de Triatlo	•	•	•		•	•	HT Plus	-	Cruz C.
2008	Transportes Públicos Urbanos Selos Autoadesivos (2. º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.

2008	O Direito da Criança à Educação	•	•	•		•	•	VT	-	Cruz C.
2008	Campeonato Europeu de Futebol 2008	•	•	•		•	•	VT	-	Cruz C.
2008	Faróis de Portugal	•	•	•		•	•	HT VT	-	Cruz C.
2008	Ano Polar Internacional	•	•	•		•	•	HT e Plus	-	Cruz C.
2008	Circuito da Boavista 50 Anos da Fórmula 1 em Portugal	•	•	•		•	•	HT	-	
2008	Transportes Públicos Urbanos Emissão Base (2. º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-	
2008	100 da CUF Barreiro	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2008	Cerâmica Farmacêutica	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2008	100 Anos das Regiões Demarcadas	•	•	•		•	•	HT Plus	-	Cruz C.
2008	O Ideário Republicano	•	•	•		•	•	HT e Plus	-	Cruz C.
2008	O Azeite	•	•	•		•	•	HT	•	Cruz C.
2008	Correio Escolar	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2008	Pontes e Obras de Arte	•	•	•		•	•	HT e Plus	-	Cruz C.
2008	Ano Europeu do Diálogo Intercultural	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Vultos da História (4. º Grupo)	•	•	•		•	•	VT HT	-	Cruz C.
2009	10 Anos do Euro	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Transportes Públicos Urbanos Emissão Base (3. º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-	

2009	Bicentenário do Nascimento de Charles Darwin	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Aqui há Selo	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	800 Anos da Ordem de Franciscanos	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Lagoas dos Açores / Biodiversidade	•	•	•		•	•	HT e Plus	-	Cruz C.
2009	Canonização do Beato Nuno de S.ta Maria D. Nuno Álvares Pereira	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Frutos Tropicais e Subtropicais da Madeira	•	•	•		•	•	HT e Plus	-	Cruz C.
2009	A Herança Africana em Portugal	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Transportes Públicos Urbanos Selos Autoadesivos (3. º Grupo)	•	•	•		•	•	HT	-	
2009	Europa – Ano Internacional da Astronomia	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Emissão conjunta Portugal - Turquia	•	•	•		•	•	HT	-	
2009	50 Anos do Santuário do Cristo Rei	•	•	•		•	•	VT e HT Plus	-	Cruz C.
2009	Sabores da Lusofonia	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Cavalo Lusitano	•	•	•		•	•	VT	-	Cruz C.
2009	900 Anos do Nascimento de D. Afonso Henriques	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Jazz em Portugal	•	•	•		•	•	VT	-	Cruz C.
2009	Pão Tradicional Português	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.

2009	100 anos do Nascimento de António Pedro	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Palácio de Belém	•	•	•		•	•	HT	-	Cruz C.
2009	Emissão conjunta Portugal – Irão	•	•	•		•	•	VT	-	
2009	Os Selos e os Sentidos	•	•	•		•	•	VT e HT	-	Cruz C.
2009	Mulheres da República	•	•	•		•	•	VT	-	Cruz C.
2009	Correio Escolar	•	•	•		•	•	HT VT	-	Cruz C.
2009	Natal	•	•	•		•	•	VT	-	Cruz C.

ANEXOS

no dizer de Marc Dhotel, «porque mais do que palavrório e melhor do que a constituição de uma Federação, esta exposição mostrou, não só aos coleccionadores como ao grande público, o que já tinha sido realizado num domínio raramente admitido, até então, nas outras Exposições filatélicas».

1.6 — UM PORTUGUÊS ESTEVE PRESENTE NA 1.ª EXPOSIÇÃO TEMÁTICA REALIZADA NA ARGENTINA

De 16 a 23 de Agosto de 1958 teve lugar, em Buenos Aires, a 1.ª Exposição Argentina de Filatelia Temática, a «Temex 58», na qual o português Jorge Luís Pereira Fernandes, obteve uma medalha de «Vermeil» com a temática «Os caminhos de ferro nos selos de correio».

1.7 — O PRIMEIRO REGULAMENTO DAS «TEMÁTICAS»

Finalmente, em Setembro de 1958, no Congresso da FIP, realizado em Bruxelas, foi aprovado o Regulamento que veio especificar os requisitos a que deviam obedecer as colecções temáticas que aspirassem a ser expostas em certames internacionais. Para que os nossos leitores, que agora se iniciam no coleccionismo temático, possam comparar este Regulamento com os subsequentes e tirar daí as suas ilacções, publicamos, na íntegra, o texto aprovado:

«Art. 1 — É considerada colecção temática uma colecção feita segundo um plano determinado e segundo um tema — ideia condutora — inspirada pelos motivos representados nos selos, ou pelo objectivo da emissão dos selos.

Art. 2 — O selo de correio deve ser sempre o elemento principal e dominante de toda a colecção temática.

Art. 3 — Não pode considerar-se colecção temática aquela que classifica os selos por país ou por ordem cronológica.

Art.º 4 — O desenvolvimento do plano e o conhecimento do tema devem aparecer claramente em toda a colecção, e podem fazer-se por meio de selos novos, selos com carimbos especiais e outros, inteiros postais, selos sobre correspondências, sobre documentos, sobre fragmentos, etc.

Art.º 5 — Os selos devem ser autênticos e em perfeito estado. As peças filatélicas devem ser autênticas.

Art.º 6 — Os selos usados devem levar carimbos legíveis e limpos, maculando o menos possível o motivo que ilustra os selos. Os selos usados e novos não podem ser misturados, salvo por qualquer razão particular especialmente válida.

Art.º 7 — As anotações devem ser reduzidas a um estrito mínimo; devem ser claras e exactas.

São proíbidos os desenhos, salvo quando sirvam de explicação indispensável e directa do motivo tratado.

São proíbidas imagens, ilustrações, recortes de jornais, etc.

Art.º 8 — A colecção deve ser acompanhada duma curta descrição do plano e do tema que se propõe desenvolver. O número de folhas de álbum que a compõem deve ser indicado.

Art.º 9 — As colecções temáticas são julgadas por um júri que compreenderá especialistas destas colecções.

Art.º 10 — Para permitir ao Júri julgar a amplitude do tema tratado, podem ser enviados os álbuns.

Art.º 11 — Para avaliar as colecções, o Júri inspirar-se-á nos critérios seguintes:

1) *Elementos filatélicos:*

a)	estado dos selos	15 pontos
b)	presença de peças filatélicas	25 »
c)	raridade das peças	10 »
2)	*Apresentação, aspecto geral, etc.*	30 »
3)	*Tema: grau de desenvolvimento e amplitude do motivo tratado*	20 »

Art.º 12 — As recompensas — medalhas ou equivalentes — a prever para a classe de colecções temáticas, devem ser idênticas às previstas para as outras classes, mas levarão a menção: «Colecção temática».

Art.º 13 — As seguintes recompensas deverão ser previstas para as colecções temáticas:

Medalhas ou equivalentes

Ouro .....
Ouro e prata .....
Vermeil .....
Prata .....
Bronze-prata .....
Bronze .....

Mínimos de pontos a obter numa Exposição

Internacional	Nacional	Regional	Local
95	85	80	75
90	80	75	70
85	75	70	65
80	70	65	60
75	65	60	55
70	60	55	50

Art.º 14 — Serão admitidas nas exposições internacionais, nacionais e regionais, as colecções que tenham obtido pelo menos uma medalha de prata ou o seu equivalente, respectivamente numa exposição nacional ou local, organizada de acordo com o presente Regulamento. (Este artigo não é aplicável para a INTERPOSTA)».

Genebra, Novembro de 1957.

O Presidente — *L. Berthelot*

O Secretário — *R. Lullin*

Este Regulamento foi o resultado do trabalho exaustivo da Comissão FIP das colecções Temáticas, da presidência de Rombaut Van der Auwera (Bélgica), que foi instituída no Congresso de Estocolmo, em 1955, e da qual faziam inicialmente parte o Prof. Joerger (Alemanha), Zimmermmann (Finlândia), Poulie (Holanda), Menzinsky (Suécia), e Trollux (Suíça).

No Congresso de Helsínquia, foram agregados Feliu (Espanha) e Bura (Polónia).

Solicitaram a honra de participar nos trabalhos preparatórios a Fédération Internationale de Philatélie Constructive (FIPCo), através do seu Secretário-Geral Walz (Sarre), e a «Union Philatélique Chrétienne Mondiale St. Gabriel», representada por Aumann (Austria).

A Comissão formada por tantas autoridades em matéria filatélica, e na qual estavam representados coleccionadores de vários países, desempenhou-se da sua missão com o Regulamento atrás transcrito, e sancionado pela FIP, no referido Congresso de Bruxelas, dez meses depois.

1.7.1 — COMENTÁRIOS AO REGULAMENTO

Sobre o Regulamento aqui inserido, elaborou o eminente filatelista clássico Professor Doutor Carlos Trincão, alguns comentários que não resistimos à tentação de os transcrever, na íntegra:

«Chamamos a atenção dos coleccionadores portugueses, especialmente, para os Arts. 3, 4 e 8, de harmonia com os quais mais de 90% das colecções assim denominadas pelos seus possuidores não poderão considerar-se temáticas.

Tomemos por exemplo a colecção de plantas. A colecção não pode resumir-se às plantas que figuram nos selos de cada país, dispostas por ordem alfabética destes. Têm de seguir, pelo contrário, a classificação geral da botânica. É evidente que outras colecções menos vastas poderão ter diferente ordenação. Por exemplo, uma colecção de selos com plantas medicinais poderá classificar-se pelos seus efeitos terapêuticos, uma colecção de plantas exóticas, segundo as características do clima onde se desenvolvem, etc. Os fundamentos da classificação devem ser objecto duma pequena memória que acompanhará a colecção (Art.º 8).

Os leitores verificarão que esta concepção das colecções temáticas — exige menor dispêndio de dinheiro do que a organização duma colecção de tipo clássico (dizemos tipo clássico, e não, forçosamente, selos clássicos) requer uma soma de conhecimentos do tema a desenvolver, a qual se não pode adquirir sem aturado estudo.

Este afigura-se-nos o principal óbice das colecções temáticas. O segundo é que, a despeito da doutrina dos Art.ºs 2, 4, 5, 6 e até 7, e embora «o selo de correio deva ser sempre o motivo principal e dominante de toda a colecção temática», a atenção do coleccionador estará constantemente distraída dos selos para o tema, de modo que a hipótese da existência de peças raras neste tipo de colecções, rarissimamente se verificará, visto que o interesse pelo desenvolvimento do tema há-de forçosamente desviar do interesse pelo selo, e só este leva a desembolsar quantias avultadas na compra de peças raras que (perdoem-nos que o digamos) serão muito mal empregadas numa colecção temática.

O coleccionador de selos da Roménia, se tiver disponibilidades materiais para tanto, não deixará de comprar todos os selos da Moldávia e da Moldo-Valáquia. O coleccionador de selos com animais, ou mesmo mais restritamente, de selos com bovídeos, contentar-se-á com um bisonte noutro selo mais barato, onde aliás terá a possibilidade de encontrar reproduções mais fiéis do animal, segundo o ponto de vista zoológico. E como na colecção temática, mais do que mostrar todos os selos que ostentam determinada espécie de animal, o que importa